



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA

**Rumo às profundezas: noções de inconsciente no século XIX e suas
relações com o inconsciente freudiano**

Henrique Fróes

Brasília – DF

2012



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA

**Rumo às profundezas: noções de inconsciente no século XIX e suas
relações com o inconsciente freudiano**

Henrique Fróes

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

Brasília – DF

2012

Esta dissertação, requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, foi apreciada e aprovada pela banca examinadora composta por:

Prof.^a Dr.^a Terezinha de Camargo Viana
Universidade de Brasília – UnB – DF
Presidente

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Loffredo
Universidade de São Paulo – USP – SP
Membro Externo

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes
Universidade de Brasília – UnB – DF
Membro Efetivo

Pesquisadora Dr.^a Márcia Teresa Portela de Carvalho
Universidade de Brasília – UnB – DF
Membro Suplente

Brasília, 17 de agosto de 2012

À Natália, pela paciência e apoio incondicional;

Aos meus pais, Henrique e Gilma, pelo incentivo constante;

A todos aqueles que, pelo seu trabalho intelectual, contribuíram para a feitura desta
dissertação

Agradecimentos

À profa. Terezinha de Camargo Viana, pelo incentivo constante, pelo apoio incondicional, pela abertura intelectual e pelas indicações sempre precisas das trilhas do mundo acadêmico.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, pelo aprendizado proporcionado e pelo apoio permanente.

Aos colegas e professores do Grupo de Pesquisa sobre Subjetivação, Clínica e Cultura: do moderno ao contemporâneo, pelo acolhimento e pelas contribuições dadas a este trabalho.

À Solange Pereira Pinto, amiga sempre presente nos momentos de euforia e angústia, e à Karime Colares, pela ajuda imprescindível na travessia desse percurso.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida.

“O homem não pode fazer observações gerais de certa extensão, a respeito de qualquer assunto que seja, sem se trair inteiramente, sem depositar nelas, mau grado seu, toda a sua personalidade, sem representar, de alguma forma parabólica, o tema fundamental e o problema primitivo da sua vida”

Lodovico Settembrini,
personagem de *A montanha mágica*,
romance de Thomas Mann

Resumo

Esse trabalho tem como tema a formação do conceito de inconsciente de Freud e suas relações com outras noções de inconsciente desenvolvidas no século XIX. Seu objetivo geral é investigar as continuidades e rupturas que o conceito de inconsciente psicanalítico estabelece com outros discursos sobre o mesmo objeto. Para isso, será apresentado o pensamento dos principais autores que, no século XIX, seja na filosofia, na medicina, nas artes ou na psicologia, trouxeram contribuições significativas para o campo dos discursos sobre o inconsciente, distinguidos em quatro diferentes tradições: cognitiva, romântica, dos impulsos irracionais e da primeira psiquiatria dinâmica. O trabalho aponta a influência de cada uma dessas tradições no pensamento freudiano referente ao inconsciente. Ele também promove uma análise dos primeiros textos de Freud (selecionados do período entre 1888 e a publicação dos *Estudos sobre a Histeria*) visando identificar os sentidos que a noção de inconsciente assume na gênese do pensamento freudiano, que estava dedicado às questões referentes à histeria e à hipnose. A análise também indica os momentos em que Freud dá os primeiros passos rumo a uma concepção própria de inconsciente, proporcionada pela elaboração da teoria da defesa.

Palavras-chave: Freud, psicanálise, inconsciente, histeria, hipnose.

Abstract

The theme of this paper is the conformation of the concept of the Freudian unconscious and its relations with others notions of unconscious developed in the nineteenth century. Its central objective is to investigate the continuities and disruptions that the psychoanalytical concept of unconscious establishes with others discourses about the same object. For that, it will be presented the thought of the main nineteenth century authors who made significant contributions to the field of discourses on the unconscious in philosophy, medicine, the arts and psychology. These discourses are distinguished in four different traditions: cognitive unconscious, romantic unconscious, unconscious related to irrational impulses and first dynamic psychiatry's unconscious. This paper points the influence of each one of these traditions on Freudian thought concerning the unconscious. It also analyses Freud's first texts (selected from the period 1888-1895) that seek to identify the meanings that the notion of unconscious assumes on the birth of the Freudian thought, which was dedicated to the questions related to hysteria and hypnosis. The analysis also indicates the moments when Freud took his first steps toward his own conception of the unconscious, derived from his elaboration of the theory on Defense Mechanism.

Key-words: Freud, psychoanalysis, unconscious, hysteria, hypnosis.

Sumário

Agradecimentos	5
Resumo.....	7
Abstract	8
Sumário	9
Introdução.....	10
Capítulo 1: Noções de inconsciente pré-psicanálticas	22
O inconsciente cognitivo	23
O inconsciente romântico	30
O inconsciente e os impulsos irracionais	37
Capítulo 2: O inconsciente na primeira psiquiatria dinâmica	45
O magnetismo animal	46
Histeria e hipnose.....	52
A escola da Salpêtrière.....	55
A escola de Nancy	58
Capítulo 3: Primeiros usos da noção de inconsciente por Freud e sua relação com as tradições... 63	
Primeiras aparições do termo inconsciente.....	64
O inconsciente como resultado da divisão da consciência	70
O surgimento de um outro inconsciente	73
Capítulo 4: Primeiras elaborações freudianas sobre o inconsciente	77
1 - O recalque e a divisão da consciência.....	77
2 - O conteúdo do recalque: a sexualidade.....	82
3 - A resistência e o inconsciente	85
Considerações finais:.....	91
Referências bibliográficas	96

Introdução

Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época: não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. (...) o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe completo de relações.

Michel Foucault, em *A arqueologia do saber*

Pobre homem! Condenado desde o princípio ao ciclo natural de nascimento e morte, preso a um corpo e a um mundo que lhe exigem um trabalho diário e incessante, esse animal nem mesmo merece o adjetivo que por determinado período lhe pespegaram de racional. Lá mesmo, no refúgio do seu interior, de sua subjetividade, de sua consciência, ele descobre que não é senhor incontestado de seu destino e de suas ações. Há algo dentro de si mesmo que o atrapalha, que o impele para o outro lado, que o faz tropeçar, e que, por vezes, toma mesmo conta de todo o seu ser, contra toda a razão que, ilusoriamente, ele acredita lhe servir de guia.

É para dar conta dessa realidade que o pensamento ocidental forjou a noção de inconsciente. Nela, expressa-se aquilo que escapa, que está além ou aquém da consciência humana, mas que, intui-se, não é de somenos importância. Dela, irão falar os filósofos, os poetas, os místicos, os médicos e os cientistas, cada um com sua própria concepção.

Tantos pontos de vista tornam impossível uma definição exata que vá além da afirmação de ser algo que não é consciente ou está fora da consciência.

Muitos dos discursos sobre o inconsciente proferidos no século XIX, que, pode-se considerar, foi o século em que ele tornou-se objeto privilegiado de conhecimento, perderam-se na poeira do tempo, foram simplesmente esquecidos por parecerem algo exótico, incompreensível, indecifrável. Não passam, muitas vezes, de notas de rodapé nos relatos históricos ou fatos pitorescos de uma época considerada ingênua ou obscurantista. Alguns deles, no entanto, sobreviveram e mostram-se ainda hoje férteis e ativos no panorama intelectual e científico.

Um desses discursos sobreviventes atende pelo nome de psicanálise, tanto como prática terapêutica quanto como sistema de pensamento. Forjada nos estertores do século XIX por Sigmund Freud, ela é denominada por seu próprio fundador como uma "psicologia do inconsciente". Nessa formulação, estabelece-se a especificidade dessa disciplina: seu objeto é o inconsciente, ou, de forma mais ampla, o funcionamento psíquico do ser humano a partir da hipótese fundamental de existência do inconsciente.

O impacto da teoria psicanalítica sobre o pensamento ocidental do século XX é por demais conhecido, não só no âmbito científico (no qual não foi poupado, inclusive, de severas críticas) como também na cultura, em que a figura do psicanalista e seu divã habitam o imaginário popular e em que termos como “complexo de Édipo”, “sujeito reprimido”, “fase oral mal resolvida” são de uso corriqueiro. Por isso, o inconsciente tal como concebido por Freud tornou-se praticamente o inconsciente em si, ajudando a relegar ao ostracismo muitos daqueles outros discursos do século XIX sobre o mesmo objeto. Assim, torna-se comum ouvir ou ler que Freud foi o descobridor do inconsciente¹.

¹ Ver, por exemplo, essa passagem de Laplanche e Pontalis, que, a certa altura de sua definição do inconsciente, escrevem. “É sabido que o sonho foi para Freud o caminho por excelência da descoberta do inconsciente.” (Laplanche & Pontalis, 1967, p. 308)

Epistemologicamente falando, um objeto científico é sempre construído, e não simplesmente transposto a partir do seu referente (Mezan, 2002). A construção do inconsciente como objeto do saber foi um processo que teve início muito antes de Freud e da psicanálise. Essa mera constatação histórica, no entanto, parece ter demorado a ser realizada no interior do campo psicanalítico. Roudinesco (2005) afirma que, até meados da década de 70, pelo menos na França, não havia uma “consciência histórica” do lugar da psicanálise na trajetória de descoberta do inconsciente. Segundo a historiadora francesa, os psicanalistas ligados à *International Psychoanalytical Association* (IPA) fiavam-se exclusivamente no modelo biográfico, que ressaltava o caráter heroico de Freud como aquele que precisou superar os equívocos científicos de sua época para revelar a existência do inconsciente ao mundo. Já os lacanianos estavam identificados com a figura de um mestre que, além de estar vivo, professava uma doutrina notadamente a-histórica.

Foi preciso que Henri Ellenberger, um não-freudiano, por meio de seu monumental *The Discovery of the Unconscious* (1970), restituísse ao pai da psicanálise “o lugar excepcional que lhe cabia na longa história da descoberta do inconsciente” (Roudinesco, 2005, p. 589). Nessa obra, são realçadas as continuidades entre a psicanálise e o que o autor denomina a primeira psiquiatria dinâmica, o conjunto de descobertas e práticas clínicas que tem como marco inicial a teoria do magnetismo animal proposta por Mesmer e que culmina nas obras de Charcot e Bernheim. Em sua obra magna, Ellenberger demonstra como a noção de inconsciente faz-se presente no pensamento ocidental anterior a Freud nos mais diferentes campos do saber e que prepararam o solo no qual brotou o pensamento psicanalítico. Nos últimos anos foram lançados diversos trabalhos que

procuravam resgatar a história do inconsciente antes da psicanálise e relacioná-lo com a obra de Freud. Entre eles, estão *A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX* (Cazeto, 2001), *Thinking the unconscious* (Nicholls & Liebscher, 2010a), *The Hidden Soul: The Growth of the Unconscious in Philosophy, Psychology, Medicine, and Literature, 1750–1900* (Rand, 2004) e *El inconsciente* (Brès, 2006).

Mesmo assim, parece que o panorama do saber psicanalítico da década de 1970 traçado por Roudinesco mantém-se, em certos aspectos, inalterado até os dias atuais. A ênfase na história pessoal de Freud como sendo a determinante principal das características do pensamento psicanalítico permanece em muitos escritos e obras atuais. Esse modelo “heroico” pode explicar porque algumas imprecisões históricas, como as de que as ideias de Freud teriam sofrido severa resistência de seus pares ou a de que ele tenha chocado a sociedade puritana da época com sua ênfase na sexualidade, ainda são correntes. O foco exclusivo na figura de Freud tira de cena o contexto em que surge o seu pensamento e da história que o antecede.

É mister dizer que nem o próprio Freud nem a maioria daqueles que se dedicam ao estudo e à prática da psicanálise reivindicam o mérito para a disciplina de descobridora do inconsciente. No entanto, privilegia-se na maioria das vezes um tipo de narrativa que encontra-se, por exemplo, na biografia de Freud escrita por Peter Gay. Em um de seus trechos, lê-se a afirmação de que Freud não foi o descobridor do inconsciente. Enumera-se, em poucas linhas, alguns dos autores que já haviam lidado com o inconsciente anteriormente, para, ao fim, asseverar que a contribuição específica de Freud foi “a de tomar uma noção vaga, por assim dizer, poética, dar-lhe precisão e convertê-la no fundamento de uma psicologia, especificando as origens e conteúdos do inconsciente e suas formas categóricas de buscar expressão” (Gay, 1989, p. 131). Nessa perspectiva,

todos os autores pré-freudianos tornam-se meros antecessores, visionários que intuíram algo importante, um objeto privilegiado, sem dúvida, mas que somente ganhará corpo e sentido com o advento da psicanálise.

Até que ponto essa narrativa é consistente? Ou, dito de outro modo, ela expressa da melhor maneira possível as relações existentes entre os discursos sobre o inconsciente pré-psicanalíticos e aquele instaurado por Freud? É possível considerar que as investigações e os achados de filósofos como Leibniz, Schelling, Schopenhauer e Nietzsche, de médicos-clínicos como Charcot, Bernheim, Azam e Binet, de artistas como Goethe, Novalis e Schiller, de pioneiros da psicologia como Herbart e Fechner, pouco ou nada contribuíram para a formulação do conceito de inconsciente por Freud? Seria possível imaginar que Freud desenvolvesse o conceito de inconsciente sem que ele tivesse algum tipo de conhecimento desses outros autores?

Logo na abertura de *Os instintos e seus destinos* (1915), Freud procura mostrar como nasce uma nova ciência. Ele rechaça a ideia de que, mesmo no começo, deva haver conceitos fundamentais claros e bem definidos, afirmando que nem mesmo as ciências mais exatas os possuem desde o princípio. Em seguida, Freud descreve como se dão esses primeiros passos:

O verdadeiro início da atividade científica está na descrição de fenômenos, que depois são agrupados, ordenados e relacionados entre si. Já na descrição é inevitável que apliquemos ao material certas ideias abstratas, tomadas daqui e daí, certamente não só da nova experiência. Ainda mais indispensáveis são essas ideias — os futuros conceitos fundamentais da ciência — na elaboração posterior da matéria. (Freud, 1915/2010, p. 52)

Nada mais precisa do que essa afirmação para entender a relação do pensamento de Freud com a de outros autores! É uma relação de empréstimo, de teste, de apropriação ou descarte de uma ou mais partes, até que comecem a tomar forma como conceitos propriamente psicanalíticos. Mezan descreve assim essa relação: “o que ocorre em toda criação científica é um processo de apropriação e de diferenciação em relação às ideias dominantes num certo meio e numa certa época sobre um certo objeto (...)” (Mezan, 2002, p. 490).

É sobre esse processo de formação do conceito de inconsciente psicanalítico, com suas apropriações e diferenciações das noções anteriores, que este presente trabalho toma como seu tema de pesquisa. Para isso, ele propõe, em primeiro lugar, uma investigação das principais noções de inconsciente anteriores a Freud, procurando estabelecer as possíveis relações entre elas e o pensamento freudiano. Em um segundo momento, seguindo a pista do próprio Freud no trecho citado anteriormente, esse trabalho irá buscar nos primeiros textos freudianos identificar e descrever esse movimento de empréstimo, apropriação e transformação que Freud promove a partir das noções de inconsciente que lhe são anteriores.

Este é um trabalho de cunho teórico, desenvolvido por meio de análise e pesquisa bibliográficas, que se configurará em um formato diferente do habitual. Seguindo o exemplo de outras dissertações defendidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura² e em outras instituições de ensino superior, esse trabalho terá

² Ver, por exemplo, as dissertações de Praciano (2011) e Weizenmann (2011).

algumas de suas partes desenvolvidas em formato de artigos científicos³ a serem submetidos para publicação em periódicos da área de psicologia. Tal escolha foi motivada pela constatação da importância dada atualmente à divulgação da produção científica feita por meio de artigos científicos, que se traduz não só pelo peso dado a esse item nas avaliações promovidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como também na exigência feita por alguns programas de doutorado de que os candidatos já possuam artigos publicados. Além da presente introdução e das considerações finais, esse trabalho contém quatro diferentes partes, descritas a seguir.

No Capítulo 1, intitulado *Noções de inconsciente pré-psicanalíticas*, serão abordados os principais autores que trouxeram contribuições relevantes para o tema do inconsciente e que, de forma direta ou indireta, tiveram impacto no pensamento freudiano. Eles foram separados em três categorias, de acordo com a classificação proposta por Gödde (2010), que os distingue de acordo com três tradições de concepções de inconsciente: a) cognitivo, b) romântico, e c) relacionado aos impulsos irracionais. Do primeiro grupo, serão destacados, principalmente, o filósofo Leibniz, precursor da noção de percepção inconsciente, e Herbart e Fechner, dois teóricos da psicologia alemã que proporcionaram a Freud modelos psíquicos dinâmicos e econômicos que serviriam de base para a psicanálise. Do segundo, será privilegiada uma abordagem do romantismo como um todo, com sua concepção própria do homem, da natureza e do inconsciente que encontra eco nas elaborações freudianas, sem deixar de abordar alguns de seus principais representantes, como Goethe, Schelling e Carus. Do terceiro, serão destacados dois dos principais filósofos do século XIX, Schopenhauer e Nietzsche, que conceberam a noção de

³ Seguindo orientações da banca, esta dissertação foi posteriormente adaptada para o formato de capítulos ao invés dos artigos científicos.

impulsos inconscientes irracionais como forças que se impõe ao homem e ao mundo, semelhantes aos conceitos de pulsão de vida e de morte da psicanálise.

Intitulado *O inconsciente na primeira psiquiatria dinâmica*, o Capítulo 2 irá contar a história do inconsciente no século XIX do ponto de vista clínico, seguindo, em linhas gerais, a concepção de Ellenberger (1970) sobre o período, proposta no já citado *The Discovery of the Unconscious*. Nele, Mesmer, o idealizador do magnetismo animal, e seus discípulos surgem como figuras fundamentais no estabelecimento de uma abordagem do psiquismo inconsciente que procurava entender seus fenômenos e propunha formas terapêuticas de lidar com suas manifestações patológicas, principalmente pelo uso da hipnose. O legado dos magnetizadores será incorporado em parte às tentativas médico-científicas de lidar com os sintomas neuróticos, que passarão a ser abarcados pela nosografia da histeria. As investigações sobre a doença, conduzidas por Briquet, Azam, Charcot e Bernheim, entre outros, os levará progressivamente ao reconhecimento de suas causas psíquicas e ao papel fundamental desempenhado pelo inconsciente nos fenômenos histéricos, traduzido no modelo teórico da divisão da consciência, estabelecendo as bases clínicas para o desenvolvimento da psicanálise.

O Capítulo 3 foi intitulado *Primeiros usos da noção de inconsciente por Freud e sua relação com as tradições*. Nele, será mostrado que, ainda em seus primeiros textos sobre a histeria e a hipnose, Freud já trabalhava com a noção de inconsciente. A partir da análise dos principais textos freudianos publicados no período 1888-1893 que fazem referência à noção de inconsciente, procurar-se-á restabelecer a relação com outros autores e tradições. O artigo mostra como Freud apropriou-se, em um primeiro momento, de diferentes noções de inconsciente, tais como a cognitiva, a romântica e a baseada no modelo da divisão da consciência, em um movimento que marca a progressiva ênfase nos aspectos psicológicos em detrimento dos neurológicos.

Primeiras elaborações freudianas sobre o inconsciente é o título do Capítulo 4. Tomando como base o texto *As neuropsicoses de defesa* (1894) e partes dos *Estudos sobre Histeria* (1895), será realizada uma análise que busca mapear as novidades introduzidas na noção de inconsciente a partir da proposição da teoria da defesa. O artigo mostra que, tomando por base o modelo da divisão da consciência, Freud avança em direção à uma concepção própria de inconsciente, que inclui, entre eles, os motivos que levam ao *splitting* do ego (a defesa contra conteúdos indesejados), a especificação de seu conteúdo (o material recalçado ligado à vida sexual), e o modo como ele interfere no funcionamento psíquico. Por fim, Freud elabora um modelo psicológico baseado na noção de resistência que implode as fronteiras nítidas entre consciente e inconsciente.

A trajetória pessoal que culminou com a elaboração da presente dissertação serve como indício da relevância do tema abordado. Por isso, peço licença para descrever como se deu esse percurso, utilizando, neste relato, a primeira pessoa do singular.

Logo após a entrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, defini, junto com a minha orientadora, como tema do meu projeto de pesquisa a comparação entre os conceitos de inconsciente em Freud e Lévi-Strauss. Tal proposta tinha como pano de fundo o interesse por aprofundar-me na obra do antropólogo que tanta influência exerceu sobre o pensamento de Lacan, assim como sobre todos os estruturalistas. Por meio do conceito central de inconsciente, eu buscava compreender por que caminhos a escola lacaniana diferenciava-se em relação às ideias de Freud. Nesse

sentido, foquei meus esforços em debruçar-me sobre a obra de Lévi-Strauss, que resultaram em um trabalho publicado em livro, intitulado *Lévi-Strauss: um olhar antropológico sobre a psicanálise* (Fróes & Viana, 2011), e uma resenha sobre o livro *Freud e Lévi-Strauss* (Espina Barrio, 2008), submetido à Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa (Fróes, manuscrito). A riqueza do pensamento e da obra do antropólogo estruturalista contrastava com a aridez do seu conceito de inconsciente, entendido como uma espécie de órgão vazio a impor formas determinadas aos diversos conteúdos, tal como os imperativos categóricos kantianos. Entre o inconsciente de Lévi-Strauss e o de Freud, havia muito mais diferenças do que pontos de contato.

Nesse meio tempo, durante uma pesquisa na biblioteca, deparei-me com um livro chamado *The Unconscious before Freud* (Whyte, 1978), atraído pelo inusitado do próprio título. Espantado, pensei: “como assim, existe um inconsciente antes de Freud?” Essa obra, publicada originalmente uma década antes do trabalho de Ellenberger, era, segundo o autor, movido por essa mesma sensação de surpresa e fazia um apanhado dos principais filósofos que utilizaram a noção de inconsciente antes de Freud. Tal “descoberta” aguçou minha curiosidade e me levou à leitura do *The Discovery of the Unconscious*.

Ao começar a revisão do conceito de inconsciente em Freud, ainda com o tema da comparação com Lévi-Strauss em mente, já estava tomado pela questão histórica. Lendo alguns textos do período pré-psicanalítico, deparei-me com referências à noção de inconsciente e com a dúvida: “que inconsciente é esse que existe para Freud antes mesmo de qualquer esboço de conceitos psicanalíticos?” Daí, surgiu outra questão: “em que momento Freud começa a elaborar um pensamento próprio sobre o inconsciente? E o que o leva a isso?” A partir daí, veio a certeza de que a minha pesquisa tinha mudado de rumo: antes de chegar ao inconsciente estruturalista, eu precisaria mergulhar na própria genealogia do inconsciente freudiano.

Estabelecido o novo tema de trabalho, constatei dois fatos durante as reuniões periódicas com os colegas do meu grupo de pesquisa. O primeiro foi que, assim como eu, quase nenhum de meus companheiros tinha ciência desses antecedentes ao conceito de inconsciente de Freud, o que reafirmou, para mim, a relevância do tema. Outro fato foi a resistência despertada a qualquer comentário que pudesse ser interpretado como uma crítica a Freud. Se, por exemplo, eu dizia algo como “em seus primeiros textos, Freud pouco acrescenta em relação aos outros autores”, surgiam reprovações ao que era interpretado como um “suposto” ataque. Percebi ali a força do modelo biográfico já mencionado e como ele interditava qualquer tentativa de colocar em perspectiva o lugar de Freud na longa história do conceito de inconsciente. Tal fato só reafirmou, para mim, a pertinência do tema abordado. Afinal, os próprios textos sobre os quais eu me debruçava ensinavam que onde há uma resistência, há fogo!

Este trabalho busca contribuir para o campo da epistemologia psicanalítica por meio de uma investigação de caráter histórico. Entende-se que o esforço para estabelecer as relações entre Freud e o contexto intelectual do qual emerge o seu pensamento é fundamental para a compreensão do pensamento psicanalítico. Além do mais, o conhecimento das bases sobre as quais se desenvolveu a teoria e a prática inauguradas por Freud ajuda a entender os limites a que chegaram aqueles que se depararam com os mesmos problemas e as necessidades que se impuseram ao criador da psicanálise para que ele precisasse transformar aquilo que encontrou estabelecido em algo novo.

Ao propor-se a investigar noções de inconsciente diferentes daquela proposta por Freud, este trabalho busca estabelecer um diálogo entre o campo psicanalítico e o de outros saberes, apontando para a incompletude de toda disciplina e a necessidade de troca constante entre os diversos ramos do conhecimento. Freud nunca se furtou a beber das fontes da filosofia, da literatura, da antropologia, da psicologia e da medicina no percurso que culminou na criação de sua psicologia do inconsciente. Tampouco ele cansou de reconhecer as lacunas em sua teoria e a constante necessidade de revisão de seus conceitos. É com esse espírito transdisciplinar e não dogmático que esta dissertação foi desenvolvida, esperando, com isso, dar a sua contribuição para o entendimento de um conceito cuja importância é central no pensamento psicanalítico, mas que vai além dos limites desse campo.

Capítulo 1

Noções de inconsciente pré-psicanalíticas

Probably along with most of you, I thought until three years ago that Freud's statement about the poets having dreamed up the unconscious, while he labored long and hard to discover it, not only had the unmistakable ring of truth but also represented a historical fact.

Nicholas Rand

Lançado dois meses antes da virada do século, mas datada como se fora de 1900, *A interpretação dos sonhos* (1900) de Freud marca o ano zero da psicanálise. Nesse, e em outros textos seminais, o médico austríaco vai postular o inconsciente como um conceito preciso que servirá de base para toda uma nova psicologia. Dele serão estipulados as origens e o conteúdo, bem como as formas características de expressão e o seu poder sobre a vida psíquica como um todo. O impacto do pensamento freudiano no campo intelectual e psicológico é tamanho que parece ter condenado todos os seus antecessores à pré-história.

Freud, no entanto, não "descobriu" o inconsciente. Quando do lançamento da *Traumdeutung*, há pelo menos dois séculos o pensamento europeu já tentava lidar com a noção de algo que fugia do âmbito da consciência. Filósofos pós-renascentistas começaram a apontar a existência de fenômenos que pareciam escapar aos domínios da suposta racionalidade da vida mental. Curas milagrosas foram sendo realizadas sem cirurgias e remédios pelos mesmeristas e seus estranhos pacientes em transe, capazes de prever o futuro e agir como autômatos.

Quando da aurora do século XIX, a ideia cartesiana de que ser consciente é o critério para definir o que é mental parece já estar superada. O inconsciente vai ganhando cada vez mais destaque nos sistemas filosóficos, enquanto os românticos pregam que ele é a fonte de sua produção artística. Médicos e cientistas partem em sua busca tanto nos laboratórios quanto nas clínicas. Nos cafés, esse era um tópico para as habituais discussões.

O objetivo deste capítulo é traçar um panorama das manifestações das noções de inconsciente no pensamento europeu anteriores a Freud que, de forma direta ou indireta, tiveram influência no pensamento psicanalítico. Segundo Gödde (2010), existem três principais tradições histórico-filosóficas de discursos sobre o inconsciente que tiveram impacto nas ideias de Freud. São elas: a do inconsciente cognitivo, a do inconsciente romântico e a relacionada aos impulsos irracionais. Cada uma dessas linhas será abordada separadamente, sendo destacados os principais autores de cada uma e as relações de seus pensamentos com a teoria freudiana.

O inconsciente cognitivo

Segundo Whyte (1978), o primeiro uso registrado do termo inconsciente em alemão é de 1776. *Unbewusstsein* e *bewusstlos* foram utilizados pelo filósofo alemão Platner (1744 – 1818) e, em pouco tempo, a palavra se espalhou pelas obras de Goethe, Schiller e Schelling. No inglês, seu aparecimento é anterior (1751), mas, somente no século seguinte, passa a ser frequentemente utilizado. Já em francês, estima-se que ele só apareça na segunda metade do século XVIII.

Antes mesmo do surgimento da palavra, a ideia de que na vida mental se desenrolam atividades em lugar outro que não a consciência já havia sido especulada por diversos filósofos do século XVII. Entre eles, Leibniz (1646 – 1716) é considerado um dos mais importantes ao dar clareza a essa noção por meio da distinção entre apercepções e “pequenas percepções”.

As apercepções são percepções de entes materiais e ideias que se dão por meio das sensações provocadas por estas sobre o sujeito. Para Leibniz, elas são o equivalente à consciência. Já as “pequenas percepções” são percepções que não possuem o poder de despertar as sensações devido às limitações corporais, impossibilitando, assim, a consciência das mesmas. Isso não impede, no entanto, que elas existam e exerçam seus efeitos sobre o sujeito. Um dos exemplos utilizados por Leibniz para ilustrar esse tipo de percepção inconsciente é o barulho do mar: não discernimos os sons provocados por cada onda, apenas o ruído total provocado pela soma delas. Em sua obra, o filósofo irá apontar que as “pequenas percepções” podem determinar as ações humanas sem que os sujeitos se deem conta disso. Elas teriam também o papel de manter o homem em contato com o universo e de assegurar a continuidade da identidade do sujeito (Ellenberger, 1958).

Como ressalta Honda (2004), para a tradição filosófica que será inaugurada por Leibniz, “a mente não poderia equivaler à consciência apenas; ao contrário, no domínio do mental, encontrar-se-iam conteúdos de diferentes graus, desde os mais claramente conscientes até os mais obscuros e inconscientes” (Honda, 2004, p. 276).

O contemporâneo de Leibniz, Christian Wolff (1679 – 1754), inspirado na distinção entre apercepções e “pequenas percepções”, estabeleceu uma fronteira entre a consciência (definida pela capacidade de distinção e pela clareza) e o que ele chamou de “escuridão de pensamentos”, ou seja, tudo aquilo que acontece em nossos sentidos e que

falhamos em diferenciar. A mesma distinção leibniziana inspirou Platner, pioneiro no uso do termo inconsciente, a considerar a vida do espírito humano como uma série alternada entre ideias e impressões, vigília e sono, consciência e inconsciência.

As ideias de Leibniz serão reelaboradas por um dos nomes mais marcantes da filosofia e da psicologia alemãs do século XIX. Herbart (1776 – 1841) é reconhecido, entre outras contribuições, por sua concepção dinâmica do psiquismo baseado na oposição entre representações. Para o filósofo, representações estão em constante luta para adentrarem a consciência: àquelas mais fortes alcançam o feito, ao mesmo tempo em que empurram as mais fracas para baixo do que Herbart denomina o limiar da consciência. O filósofo alemão diferencia entre dois limiares: “um estático, abaixo do qual não exercem influência alguma sobre o comportamento; e um mecânico, abaixo do qual se encontram ideias vigorosas que são capazes de exercer alguma influência sobre o comportamento, embora estejam fora da consciência” (Levin, 1980, p. 105).

O choque entre duas ideias gera uma resistência, fenômeno entendido como uma expressão de força. Segundo Herbart, o resultado da resistência é a transformação da representação em um esforço para apresentar-se. Cessada a oposição, a ideia volta à consciência (Herbart, 1893, p. 10). Assoun (1983) chama a atenção para o uso, por Herbart, do termo recalque (*verdrängen* e *verdrängung*) para classificar esse processo. É o mesmo que será utilizado posteriormente por Freud.

O dinamismo psíquico de Herbart é constante, devido ao impacto de novas ideias e percepções em seu equilíbrio. Nesse fluxo, as representações associam-se entre si em busca de fortalecerem-se para manter-se na consciência, por meio de fusão (se são de natureza idêntica) ou composição (naturezas distintas) – chamadas de complexo -, provocando, assim, mudanças na dinâmica global das representações. Para Assoun (1983),

a dinâmica representacional de Herbart culmina na implicação do inconsciente na vida psíquica, em que a noção de limiar mecânico pode ser comparada ao sistema pré-consciente da primeira tópica freudiana.

A influência de Herbart sobre o pensamento freudiano é tema de debate desde, pelo menos, a publicação do livro *Bases Históricas da Psicanálise*, em 1932, por Maria Dorer. Biograficamente, foi comprovado o conhecimento de Freud sobre o herbatismo. Ainda no ginásio, ele toma contato com as ideias do filósofo alemão a partir do livro-texto de Adolf Lindner, *Lehrbuch der empirischen Psychologie nach genetischer Methode (Manual de psicologia empírica utilizando o método genético)*, adotado em sala de aula. Outro fato são os comentários encontrados em uma carta da época de juventude de Freud que citam Herbart. Uma cópia do livro *Lehrbuch zur Psychologie (Manual de Psicologia)*, uma das obras mais importantes do filósofo alemão, fazia parte da biblioteca de Freud e, pelo estado em que se encontrava, parecia ter sido bem utilizado (Leader, 2010).

Muito além de uma influência pontual, a relação entre a teoria psicanalítica e o herbartismo é de outra ordem. Como afirma Assoun (1983), Freud não só tomou de empréstimo do filósofo alemão noções como as de resistência e recalque, como também o princípio de considerar as representações como a base da atividade psíquica. O pensamento de Herbart é considerado por Assoun como o modelo epistemológico a partir do qual Freud desenvolveu a dimensão dinâmica da teoria psicanalítica, ressaltando que as ideias do filósofo alemão haviam influenciado o pensamento médico da época.

Para quem situasse o empreendimento psicanalítico no vasto campo das tentativas científicas do século, ele apareceria legitimamente como um dos últimos afluentes do grande rio herbartiano. Torna-se inútil, pois, postular certa leitura pessoal de Herbart por Freud: a fisiologia, a psiquiatria e a psicologia transportavam o herbartismo em seu fluxo. Freud se encontra preso a essa corrente, a ponto de nem mesmo procurar objetivar sua dívida. (Assoun, 1983, p. 156)

Um dos afluentes do rio herbartiano, o pensamento de Fechner será, ao mesmo tempo, tributário e crítico dos conceitos de Herbart. Fundador da psicofísica, Fechner advoga um empirismo radical, despido de qualquer pretensão metafísica, baseado unicamente na experiência. Em sua obra, o médico alemão procurou quantificar os fenômenos psíquicos, partindo da primeira versão de sua premissa do paralelismo psicofísico, de que toda mudança psicológica pressupunha uma mudança fisiológica, ou seja, de que existe um paralelo físico para todo fenômeno psíquico (Heidelberger, 2010).

A partir de seus experimentos sobre a relação entre a intensidade dos estímulos e a sua percepção, Fechner (1801 – 1887) extrai uma lei que estabelece que a sensação cresce como logaritmo da excitação, um marco na psicologia científica por relacionar de forma matemática um dado físico e um fenômeno psíquico (Assoun, 1983). Na fórmula desenvolvida por Fechner, uma das constantes é equiparada à noção de limiar da consciência de Herbart e indica a magnitude que o estímulo deve alcançar para a sensação ser percebida e tornada consciente. Fechner postula a existência de dois diferentes limiares: um, do estímulo, conforme explicado acima, e o outro, da diferença, que indica o aumento que o estímulo original precisa alcançar para que essa mudança seja notada.

Fechner ressalta a importância do conceito de limiar por prover uma base firme para o conceito de inconsciente em geral. O médico alemão distingue entre processos inconscientes e não conscientes, chamando a atenção para o fato de que, no primeiro caso, eles exercem influência sobre a consciência. Para ilustrar essa afirmação, Fechner descreve a cena de uma caminhada por um cenário agradável. Envoltos em pensamentos, uma pessoa não saberá que pássaros estão cantando à sua volta, que árvores ela encontra pelo caminho, nem notará o sol lhe aquecendo. Mesmo assim, esses elementos inconscientes irão influenciar o rumo de seus pensamentos.

Para Fechner, os sonhos são fenômenos próximos aos das percepções inconscientes e formula duas hipóteses sobre o assunto. Na primeira, o sujeito apreende as imagens oníricas no momento em que elas ocorrem, o que tornaria o sonho uma experiência consciente. Ou, na segunda hipótese, ele apreende as imagens assim que acorda, sendo, assim, uma experiência inconsciente (Romand, 2012). O inconsciente também seria a fonte das fantasias, de conteúdos anteriormente conscientes que são novamente chamados à baila graças a uma causa externa. (Heidelberger, 2010)

Em *A interpretação dos sonhos* (1900/2006), Freud cita uma passagem de Fechner em que o médico alemão ressalta as dificuldades em explicar as diferenças entre a vida onírica e a de vigília e aponta para a hipótese de que a cena de ação dos sonhos seja diferente daquela de representações de vigília. Ele utiliza a observação de Fechner como uma sugestão que aponta para a hipótese de um aparelho psíquico. No momento em que antecipa a concepção da primeira tópica, Freud estabelece uma ligação com o pensamento de Fechner, explicitando a influência do médico alemão no desenvolvimento da dimensão tópica de sua metapsicologia. Em *Um estudo autobiográfico* (1925/2006), Freud afirma que sempre foi acessível às ideias de Fechner e que apoiou-se nele em pontos importantes. Assoun (1983) chama a atenção para essa passagem, por indicar um reconhecimento de paternidade que é raro nos escritos freudianos e que aponta para uma filiação epistemológica, principalmente na dimensão econômica da metapsicologia.

O próprio Fechner postula um princípio do prazer, em que o prazer é entendido como um aspecto presente em todo motivo objetivo e subjetivo para agir. “Nenhum motivo existe que não seja direcionado para a criação ou manutenção de prazer. Ou a eliminação e prevenção do desprazer” (Fechner, citado em Heidelberger (2004), p.52). Tais motivos podem, no entanto, permanecer inconscientes. Freud aponta a semelhança entre o pensamento de Fechner e as concepções psicanalíticas do princípio do prazer e do

princípio da constância na obra que marcou a virada de seu pensamento em direção à segunda tópica, e cita o seguinte trecho:

Até onde os impulsos conscientes sempre possuem uma certa relação com o prazer e o desprazer, estes também podem ser encarados como possuindo uma relação psicofísica com condições de estabilidade e instabilidade. Isso fornece a base para uma hipótese em que me proponho ingressar com maiores pormenores em outra parte. De acordo com ela, todo movimento psicofísico que se eleve acima do limiar da consciência é assistido pelo prazer na proporção em que, além de um certo limite, ele se aproxima da estabilidade completa, sendo assistido pelo desprazer na proporção em que, além de um certo limite, se desvia dessa estabilidade, ao passo que entre os dois limites, que podem ser descritos como limiares qualitativos de prazer e desprazer, há uma certa margem de indiferença estética. (Fechner, citado em Freud (1920/2006, p. 18)

Nesse trecho, é possível reconhecer os conceitos de Fechner vistos anteriormente, como os de limiar da consciência, e o esquema estímulo/sensação, em que o limiar é ultrapassado a partir de um certo *quantum* de estímulo que provoca uma sensação (prazer ou desprazer). Também o conceito de limiar de diferença se faz presente por meio da ideia de indiferença estética. A concepção energética do prazer/desprazer inspirada em Fechner aparece pela primeira vez no pensamento freudiano no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950/2006).

Lipps (1851 – 1914) é outro representante da ideia de um inconsciente psíquico citado por Freud e que chegou a exercer certa influência sobre ele. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), é citada uma frase do filósofo alemão pronunciada durante o III Congresso Internacional de Psicologia, realizado em 1896, em Munique. Nele, Lipps expôs sobre o conceito de inconsciente em psicologia, e afirmou que esse conceito não era apenas um problema psicológico, mas, o problema da psicologia.

Brès (2006) aponta que o objetivo principal da palestra não era valorizar o inconsciente, e sim defender a especificidade da psicologia em relação à metafísica e à

fisiologia. Nesse sentido, o conceito de inconsciente tornava-se fundamental pra explicar as lacunas do conhecimento da ciência psicológica, adquirindo um sentido próximo ao de pré-consciente posteriormente adotado por Freud. Brès (2006) conjectura que, mesmo sem ter assistido à exposição, Freud possa ter sido incitado pela repercussão do trabalho de Lipps a precisar o seu conceito de inconsciente, cujo resultado seria o esboço de aparelho psíquico elaborado na carta de 6 de dezembro de 1896 para Fliess, cerca de quatro meses após o Congresso de Munique.

Na tradição do inconsciente cognitivo, Gödde (2010) distingue entre aqueles que apregoam um inconsciente psíquico, como Herbart, Fechner e Lipps, e aqueles que o concebem a partir de uma visão materialista, em que o psíquico é entendido dentro do modelo de aparato mecânico. Meynert (1833 – 1892), Brücke (1819 – 1892) e Helmholtz (1821 – 1894) — os dois primeiros professores de Freud na universidade — são apontados como representantes dessa tradição. Deles, Freud irá guardar a visão de um psiquismo dinâmico, como resultado da interação e transformação das forças nele atuantes (Brücke e Helmholtz). De Meynert e seus estudos anatomopatológicos, que acabaram desaguando em uma mitologia do cérebro, Freud irá derivar a dimensão tópica da metapsicologia como uma necessidade epistêmica. (Assoun, 1983)

O inconsciente romântico

O século da burguesia, do imperialismo e do cientificismo, em que foram assentados os alicerces da psicanálise, iniciou-se sob o signo do Romantismo. Originado na Alemanha, o movimento artístico-filosófico teve seu ápice durante as primeiras três décadas do século XIX. Entre suas principais características, estão: o culto do irracional e da natureza, o sentimento nacional de pertencimento, o fascínio pela Idade Média e a

ênfase no indivíduo em detrimento do social. A noção de inconsciente era primordial para os românticos, sendo considerada um fundamento da vida humana, uma ligação entre o homem e a natureza. Fazia parte do ideário dos jovens artistas e cientistas da época a exploração do "outro lado" da consciência.

Tendo aflorado no mundo germânico ainda no final do século XVIII, marcado em suas origens pelo movimento *Sturm und Drang* ("Tempestade e Ímpeto"), o romantismo se espalhou posteriormente para a Europa e também para o Brasil, assumindo características peculiares em cada país. Segundo Reale e Antiseri (1991), é possível, apesar disso, apontar alguns denominadores comuns em relação ao movimento. Entre eles, está o estado de espírito romântico, o seu *ethos*, que se expressa "na condição de conflito interior, na dilaceração do sentimento que nunca se sente satisfeito, que se encontra em contraste com a realidade e aspira a algo mais, que, no entanto, se lhe escapa continuamente." (Reale & Antiseri, 1991, p. 19) Segundo os dois autores, o termo que melhor expressa esse estado de espírito é o de *Sehnsucht* (ansiedade), pois o sujeito romântico é aquele que é tomado por um desejo inalcançável, por ser desejo pelo indefinível e pelo infinito.

Outra característica comum aos românticos é a nova significação e a predominância dada ao tema da natureza. Oposta à visão antropocêntrica do iluminismo, o romantismo irá voltar-se para a natureza com uma atitude reverencial, procurando revelar seus segredos e descobrir a relação dos seres humanos com ela. A natureza deixa de ser entendida no sentido mecânico-iluminista e passa a ser encarada como algo da ordem do divino, jogo móvel de forças que gera todos os fenômenos. Homem e natureza são vistos como partes de uma mesma unidade, como organismos vivos que partilham os mesmos poderes e funções. A natureza dos românticos, no entanto, não é ausente de ambiguidade, alternando entre suas faces luminosa ou noturna.

Enquanto, vivida num sentimento de proximidade e de união, a Natureza benéfica e luminosa, consolando o homem das penas e fadigas da existência, propicia a quietude e o silêncio que permitem a alma voar ‘através de campos quietos / como se voasse para casa’ (Eichendorf, *Mondnacht*), a hostil, movimento em torvelinho e em espiral, impetuosa e oceânica, que aniquila o indivíduo e a todas as coisas arrebatada, imprimiu à visão romântica um lastro imagético de fluência, de vertiginosidade (...) (Nunes, 1978, p.66)

Há um vínculo entre o homem e essa natureza divinizada (e diabólica): o inconsciente, entendido como o próprio fundamento do ser humano enquanto ser enraizado na vida invisível do universo (Ellenberger, 1970). Por isso o sujeito romântico volta-se sobre si mesmo, já que, pelo acesso ao inconsciente, é possível encontrar a verdade e o absoluto. Esse movimento é marcado pela mesma ambiguidade da natureza benéfica/maléfica, patente nas palavras de Hamann, um dos precursores do romantismo, que pregava uma “descida aos infernos” no interior de si mesmo que possibilitasse a abertura do “caminho da divinização” (Bornheim, 1978, p. 82).

Segundo Bornheim (1978), esse processo de descida ao inconsciente é marcado pela irracionalidade, sendo este considerado uma força positiva. Os românticos partem em busca desse caos construtivo, do demoníaco que leva ao gênio. Como parte desse mergulho no lado negro do eu e da natureza, surge o interesse por aqueles fenômenos que trazem a marca do inconsciente, como os sonhos, as doenças mentais, a parapsicologia, a mitologia, etc.

O inconsciente tornara-se a fonte da imaginação artística romântica, em que a obra de arte não mais é vista como o resultado de uma atividade intencional, e sim como o de um processo espontâneo, em que o artista é “tomado”, tal qual um possesso, pela inspiração. O poema ou a música “brota” dessa região inacessível à consciência, independentemente da vontade ou do controle do artista. Para isso, exorta Edward Young, um precursor do conceito romântico de gênio, o artista precisa mergulhar “no mais profundo do teu ser” e “adquirir intimidade plena com o estranho que mora dentro de ti”

(Young, citado em Abrams, 2010, p. 268). Desse outro inconsciente emerge o próprio sentido da natureza, que se revela por meio da intuição poética, e não somente por meio da razão e da ciência.

É a fonte inconsciente da imaginação que determina e explica o gênio, um tema constante nas obras e teorias românticas. Na definição precisa de Abrams:

Ele é um homem duplo, composto de elementos cognoscíveis e incognoscíveis, semelhante a Deus, venerável, tão inescrutável a si mesmo quanto aos outros, criativo por processos vitais e espontâneos como o auto crescimento de uma árvore, cuja obra maior, sem ter sido anunciada, emerge da escuridão para a luz de sua consciência” (Abrams, 2010, p. 268)

Goethe (1749 – 1832), o grande poeta alemão, compartilha dessa visão sobre o gênio. Em *Studie nach Spinoza* (Estudos sobre Spinoza), o poeta alemão argumenta que, considerando a relação existente entre todo ser vivo limitado e o infinito (sendo este, Deus ou a natureza), esse ser também participa do infinito e carrega algo dele em seu interior. Esse senso do infinito, no entanto, não pode ser objeto do pensamento consciente, permanecendo inconsciente em algum grau (Nicholls, 2010). Em carta a Schiller, Goethe afirmava que tudo o que o gênio faz (enquanto gênio) ocorre inconscientemente. Como exemplo, ele dizia que escreveu grande parte de *Os sofrimentos do Jovem Werther* como um sonâmbulo, chegando a surpreender-se com o material produzido por si próprio.

Segundo Nicholls (2010), o termo *unbewusst* (inconsciente) é normalmente associado em Goethe ao desejo e às fontes desconhecidas da inspiração e da criatividade artística. Ligada a essa ideia de inconsciente está também a noção de demoníaco, entendida como energia ambivalente que se manifesta principalmente nos gênios e que pode levar não só à criação como à destruição.

Vista como uma derivação do romantismo, a Filosofia da Natureza tem como principal nome e fundador o filósofo alemão Schelling (1775 – 1854), cujo ponto de partida é a unidade indissolúvel entre natureza e espírito. Em seus primeiros trabalhos, Schelling entende que a natureza é o espírito em potência não desenvolvido em direção à consciência. Todos os seres racionais e não-racionais emergem de uma mesma inteligência inconsciente, que opera no interior dos seres, que se desenvolve em níveis sucessivos e que tem uma finalidade intrínseca. (Reale & Antiseri, 1991). No ser humano, a inteligência inconsciente torna-se autoconsciente. Mesmo assim, o ser humano não pode ser reduzido à consciência, já que, nele, esse fundamento inconsciente permanece ativo como a base de sua vida e de seu pensamento (McGrath, 2010).

A atividade estética é, para Schelling, a combinação do consciente e do inconsciente, presente tanto no espírito quanto na natureza. Por isso, para o filósofo alemão, “o mundo objetivo nada mais é do que a poesia primitiva e ainda inconsciente do espírito” (Schelling, citado Reale & Antiseri, 1991). O produto artístico tem significação infinita e carrega consigo a marca das obras-primas da arte cósmica. Ele é o meio pelo qual se pode conhecer a verdade

No âmbito da filosofia romântica, também destaca-se a obra de Carus (1789 – 1869). O médico e pintor alemão é considerado o primeiro a desenvolver uma teoria completa sobre a vida psíquica inconsciente. Segundo ele, a psicologia é a ciência que investiga o desenvolvimento da alma humana, que vai da inconsciência à consciência. Carus distingue três camadas do inconsciente (Ellenberger, 1970):

- a) O inconsciente geral e absoluto, inacessível à consciência;
- b) O inconsciente parcial e absoluto, responsável pelo funcionamento do corpo humano e que exerce influência indireta sobre a vida emocional;

c) O inconsciente parcial e relativo, que corresponde à totalidade de sentimentos, percepções e representações que se tornaram inconscientes.

Entre as características do inconsciente identificadas por Carus, estão: funciona de acordo com as próprias leis; possui uma sabedoria só sua (não sendo capaz de aprender nada); não reconhece o presente, sendo dominado pelo passado e pelo futuro; está em constante movimento e transformação; não necessita de descanso, etc. Segundo Ellenberger (1970), o pensamento de Carus traduz a forma alcançada pela teoria do inconsciente no fim do período romântico, antes que a tendência positivista ganhasse força. Nele, o inconsciente ocupa um lugar central na explicação do funcionamento do psiquismo e das funções orgânicas, além de tornar-se sede da memória.

A ideia romântica de inconsciente iria culminar, tardiamente, no famoso *Filosofia do Inconsciente*, de Von Hartmann (1842 – 1906), lançada em 1868. A obra busca expandir o pensamento de Carus para constituir um sistema metafísico e quase-científico. Além de fazer uma extensiva revisão do tema em outros autores, Hartmann aponta para o papel desempenhado pelo inconsciente na linguagem, na religião, na história e na vida social. A popularidade e aceitação da obra (foram 11 edições até 1904) de Von Hartmann são indícios de que o tema do inconsciente já estava bem difundido e assimilado entre os intelectuais europeus.

Para tentar relacionar o pensamento freudiano com o romantismo, é preciso, antes de tudo, ressaltar o fato de que o movimento filosófico e artístico iniciado no final do século XVIII na Alemanha não se extingue simplesmente com a ascensão do positivismo, do materialismo e do realismo na segunda metade do século XIX. Como lembra o escritor Thomas Mann, o grande século XIX não foi romântico apenas em sua primeira metade, sendo que muitos de seus elementos permaneceram impregnando boa parte do pensamento

que se segue. É nessa perspectiva que se pode entender como Freud, formado como médico e cientista dentro das exigências do racionalismo materialista e positivista do seu tempo, revela em sua obra traços e vestígios do pensamento romântico.

Para Mann (1988), Freud encaixa-se “perfeitamente” na série de pensadores que, em reação às crenças iluministas:

(...) acentuam, cultivam, salientam cientificamente o lado noturno da natureza e da alma como o real determinante e criador da vida; e representam de modo revolucionário a primazia de todo o geodivino-pré-espíritual, da “vontade”, da paixão, do inconsciente ou, como diz Nietzsche, do “sentimento” diante da “razão”. (Mann, 1988, p. 140)

Freud toma como seu objeto de estudo o homem tal como ele é entendido pelos românticos, como um ser que não se esgota na razão e que é antes guiado por seus desejos e sentimentos do que senhor delas. O sujeito psicanalítico e romântico é visto como cindido, eternamente insatisfeito e sempre em busca de algo que lhe escapa. Dentro dele, há algo que lhe é estranho, chamado de inconsciente, fonte de forças tanto criativas quanto destrutivas, demoníacas, mas das quais o homem não pode se alienar.

Os fenômenos ligados ao inconsciente que interessavam os românticos, tais como os sonhos, a loucura, o chiste, estarão também entre aqueles que, preferencialmente, serão alvo da atenção de Freud. Entre eles, destacam-se as obras de arte e a questão do processo do fazer artístico. Tanto a psicanálise quanto o romantismo apontam para o inconsciente como a fonte dos materiais que se impõe ao artista, a despeito de suas intenções conscientes. Por meio do conceito de sublimação, Freud especificou esse processo, sem, no entanto, questionar o caráter “genial” dos artistas, reveladores de uma verdade por meio de seus trabalhos. Há também na obra de Freud o que França (2012) denomina uma sensibilidade romântica, qual seja, a de opor-se à hipocrisia da sociedade e a seus ditames

enrijecidos, criticando-a por sua incapacidade de adaptar-se vitalmente aos desejos humanos.

A despeito de todas essas aproximações entre o pensamento de Freud e o romantismo, é preciso também apontar algumas distinções fundamentais. Apesar do solo comum partilhado por ambos, a psicanálise não faz uma apologia do inconsciente e do irracional; ao contrário, ela busca, por meio dos instrumentos da razão, um entendimento sobre essa dimensão humana que, ao final, contribua para a emancipação do ser humano. Mann (1988) chama a atenção para o aspecto iluminista do pensamento de Freud.

O caminho que ela prescreve é o da conscientização, da análise, no qual não há parada nem volta, nenhuma restauração do “bom-antigo”; a meta que ela indica: uma nova ordem de vida, merecida, assegurada pela consciência, baseada na liberdade e na veracidade. Por seus meios e metas, pode-se chamá-la iluminista; mas o seu iluminismo passou por muita coisa para que a sua mudança fosse executável com facilidade mais serena. Pode-se chamá-la antirracional, pois o seu interesse na pesquisa da noite, do sonho, do instinto, do pré-razoável é válido e no seu princípio está o conceito de inconsciente; mas ela está longe de se tornar, através do interesse, a criada do espírito obscuro, delirante e retrógrado. (Mann, 1988, p. 153)

O inconsciente e os impulsos irracionais

Dois dos maiores filósofos alemães do século XIX, Schopenhauer e Nietzsche, inscreveram seus nomes na história do conceito de inconsciente. Para eles, o homem é, antes de tudo, uma marionete nas mãos de impulsos cegos que o fazem agir de acordo com os seus desígnios, independentemente da vontade própria. O mundo, para esses pensadores, é um lugar de dor e sofrimento, destruição e morte, no qual o ser humano não se pode fiar nem mesmo em sua consciência, vista como ilusória e débil frente ao poder do inconsciente.

Schopenhauer (1788 – 1860) traz o inconsciente para o centro do seu sistema de pensamento. Para ele, a essência do mundo – e do ser humano – é a Vontade, uma força irracional de caráter inconsciente que luta pela existência e por sua reprodução. A Vontade Universal é uma coisa-em-si-mesma, livre e sem fundamento, fora do tempo e do espaço, sendo a base da qual surgem todas as outras coisas. Para Schopenhauer, "a Vontade como coisa-em-si constitui a essência íntima, verdadeira e indestrutível do homem. Todavia, em si mesma, é destituída de consciência, pois a consciência é condicionada pelo intelecto e este é um mero acidente do nosso ser." (Schopenhauer, 1974, citado por Mello & Cacciola, 1991)

Para Schopenhauer, todos os afetos e paixões humanos não passam de movimentos de Vontade dos quais nos tornamos conscientes, mas que podem, também, permanecer inconscientes. O filósofo dá como exemplo a morte de alguém de quem se é herdeiro: a alegria que advém com esse fato demonstra que havia um desejo por essa morte que permanecia desconhecido. (Janaway, 2010). A Vontade também possui o poder de impedir certas representações de fazerem-se presentes no intelecto, evitando, assim, a produção de emoções indesejáveis, agindo como uma espécie de censora. Em alguns casos, o resultado desse processo pode levar à loucura, pois, no lugar de uma memória suprimida, um conteúdo arbitrário é lançado. Como explicam Mello e Cacciola (1991), "a loucura é assim o último recurso da vontade contra um sofrimento insuportável" (Mello & Cacciola, 1991, p. 24). Todo esse processo se dá fora do âmbito da consciência, assim como situações rotineiras em que a Vontade age "secretamente". O resultado é uma ação cujos motivos, se observados atentamente, mantêm-se alheios aos do pensamento.

A Vontade também se manifesta nos movimentos corporais automáticos como a circulação, a digestão, o crescimento, denominada pelo filósofo de Vontade de vida, já que tem como objetivo específico a manutenção e a propagação da vida. Nesse sentido, o

impulso sexual é entendido como a expressão fundamental da Vontade de vida. Os órgãos sexuais são, para o filósofo, “o verdadeiro FOCO da Vontade” (Schopenhauer, 1859/2005, p. 424). O amor sexual é, para ele, uma poderosa força na vida humana:

É o objetivo principal de quase todo esforço humano; tem uma influência desfavorável nos mais importantes assuntos, interrompe a toda hora as mais sérias ocupações, e, muitas vezes, confunde, por algum tempo, mesmo as mais brilhantes mentes. (...) [o amor sexual] se parece com um demônio malévolo, esforçando-se para perverter, confundir e derrubar tudo. (Schopenhauer, citado em Janaway, 2010, p. 153, tradução nossa)

O pensamento de Schopenhauer é frequentemente qualificado como pessimista, graças à sua concepção de que o homem não passaria de um joguete da Vontade, destinado, por isso, ao sofrimento constante. Para o filósofo alemão, se as pessoas entendessem realmente essa natureza do mundo, elas prefeririam não existir. Inspirado pelo pensamento filosófico oriental, Schopenhauer vê a morte como uma grande oportunidade de livrar-se do Eu e do sofrimento da existência.

As semelhanças entre o pensamento de Schopenhauer e a teoria psicanalítica são apontadas pelo próprio Freud. Em *Um estudo autobiográfico* (1925), ele indica entre as coincidências o domínio das emoções no ser humano, bem como o papel fundamental da sexualidade, além de ressaltar que o filósofo alemão já mostrava conhecer o mecanismo da repressão (Freud, 1925). Tal reconhecimento será repetido em outros textos, tais como *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917). Nele, Freud, ao discorrer sobre a importância do reconhecimento dos processos mentais inconscientes para a ciência e para a vida, ressalta que a psicanálise não foi a primeira a dar esse passo, e aponta Schopenhauer entre os precursores, aliás, o único nomeado nesse trecho. Para Freud, o conceito de Vontade inconsciente do filósofo alemão equivale ao de pulsões mentais para a psicanálise. (Freud, 1917/2006)

Mann (2010) foi um dos primeiros a ressaltar a semelhança entre ambos os pensadores. Para ele, a revolução que a psicanálise representou para a psicologia clássica, ao descobrir o papel que o inconsciente desempenha na vida anímica, pode ser comparada àquela provocada pela teoria da Vontade de Schopenhauer sobre a crença filosófica na razão e no espírito. O romancista alemão afirma que a descrição do ego e do id de Freud seria uma transposição para a esfera psicológica da que Schopenhauer fez entre a Vontade e o intelecto. Granjel (1950, citado em Ellenberger, 1970) aponta três pontos comuns aos dois pensadores: uma concepção do homem como um ser irracional, a identificação entre a pulsão de vida e a pulsão sexual, e um pessimismo antropológico radical.

No entanto, Freud rejeitou qualquer tipo de influência direta do pensamento de Schopenhauer sobre ele, afirmando que havia lido suas obras, bem como as de Nietzsche, outro filósofo cujas intuições, segundo Freud, concordam com os achados da psicanálise, já em um período tardio. Esse adiamento foi, segundo ele, proposital, para evitar ser afetado por esses autores⁴. Leher (citado em Naffah Neto, 1997) contradiz essa versão, afirmando que existem evidências históricas de que Freud conhecia alguns dos escritos mais antigos de Nietzsche, tendo, inclusive, discutido algumas de suas obras durante

⁴ Em *A História do movimento psicanalítico* (1914), Freud já havia apresentado argumento semelhante. “A teoria da repressão sem dúvida alguma ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido, e por muito tempo imaginei que fosse inteiramente original, até que Otto Rank (1911a) nos mostrou um trecho da obra de Schopenhauer, *World as Will and Idea*, na qual o filósofo procura dar uma explicação da loucura. O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com o meu conceito de repressão que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida. Entretanto, outros leram o trecho e passaram por ele sem fazer essa descoberta e talvez o mesmo tivesse acontecido a mim se na juventude tivesse tido mais gosto pela leitura de obras filosóficas. Em anos posteriores, neguei a mim mesmo o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de idéias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise. Tive, portanto, de me preparar — e com satisfação — para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição.” (Freud, 1914, p.25)

sessões da Sociedade de Psicanálise de Viena em 1908. Já Ellenberger (1970) comenta essa passagem lembrando que, na época do amadurecimento de Freud, não era preciso ter estudado Nietzsche para ser impregnado por seu pensamento, graças à frequência com que o filósofo alemão era citado e discutido nos jornais, revistas e círculos intelectuais.

Influenciado por Schopenhauer, Nietzsche (1844 – 1900) irá propor uma Vontade de Poder (também traduzida por Vontade de potência) como força motora de todos os seres e do universo, verdadeira essência do mundo. Essa Vontade de Poder seria constituída por inúmeros impulsos que interagem dinamicamente, gerando conflitos, imposições e resistências. Os impulsos, que emanam do inconsciente e nele interagem, são de inúmeros tipos: impulso intelectual, impulso de apropriação, impulso de submissão, impulso de autoconservação, impulso à verdade, etc. Em Nietzsche, há uma apologia desses impulsos, mesmo sendo eles de caráter destrutivo e agressivo.

Para Nietzsche, são os impulsos que comandam o homem, sendo a consciência um fenômeno secundário e ilusório, que é formada a partir do inconsciente e que serve de zona de transição entre este e o mundo. Em um de seus aforismos, o filósofo alemão afirma que a consciência surgiu no homem graças à sua vulnerabilidade, já que, como animal constantemente ameaçado, ele precisava exprimir-se perante os outros. Para fazer-se compreensível, ele tinha a necessidade de saber o que lhe faltava, o que sentia e o que pensava para comunicar aos seus próximos. Apesar disso, diz Nietzsche, o que vem à tona na consciência é apenas uma pequena parte do que se passa no interior de todos nós:

(...) o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna consciente é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: - pois apenas esse pensar consciente ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação, com o que se revela a origem da própria consciência (Nietzsche, 1887/2001, p. 249)

Nietzsche desenvolve o argumento afirmando que a consciência é um fenômeno ligado à dimensão gregária e comunitária do ser humano, e, por isso, é incapaz de entender e expressar o que ocorre no interior do sujeito, já que está voltada para o mundo exterior. Para ele, o mundo passível de ser tornado consciente é um mundo generalizado, falsificado, corrompido. (Nietzsche, 1887/2001) No trecho citado, o filósofo alemão também aponta para a origem inconsciente do pensamento. Em outro texto, Nietzsche ressalta que um pensamento surge quando quer, e não de acordo com a vontade do sujeito. Por isso:

É um falseamento da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso (Es) pensa: mas que esse ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição (Nietzsche, citado em Fonseca, 2009, p. 183)

A denominação Isso (Es) nietzschiana será adotada por Freud, seguindo a sugestão de Groddeck, para nomear o Id da segunda tópica. (Freud, 1933/2006) Outra instância advogada por Freud, o superego, encontra paralelo na noção de consciência moral de Nietzsche. O conteúdo desta é tudo aquilo que foi exigido da criança, regularmente e sem motivo, por aqueles a quem ela adorava ou temia. Para Nietzsche, a consciência moral desperta um sentimento de obrigação que não se pergunta “por quê?” e que introduz a voz de algumas pessoas dentro da pessoa (Nietzsche, 1886/2008). Essa imagem parece antecipar a concepção de superego como a internalização da figura parental como uma voz interior que julga e dá ordens. Também a noção de má-consciência, entendida como o resultado da internalização dos instintos que não mais poderiam ser expressos livremente pelo homem com o advento da civilização, gerando, assim, dor e consciência de culpa,

aproxima-se das considerações feitas por Freud em *O mal-estar na civilização* (1930/2006) de que o superego é um meio de controle civilizatório dos desejos agressivos do indivíduo.

Gödde (2010) classifica tanto Schopenhauer quanto Nietzsche como pertencentes à tradição da concepção do inconsciente relacionada aos impulsos irracionais e que impactarão o pensamento freudiano principalmente no período da segunda tópica e da introdução do conceito de pulsão de morte. Essa mudança desloca Eros e as pulsões sexuais do centro do inconsciente, colocando em seu lugar as pulsões destrutivas e irracionais. Nessa nova concepção, o ego, ele mesmo possuindo partes inconscientes, passa a ser visto como dinamicamente fraco e carente de autonomia em relação ao Id e ao Superego, aproximando-se, assim, das visões dos dois filósofos alemães.

Não parece exagero chamar o século XIX de “século do inconsciente”. Desde os primeiros decênios, a ideia cartesiana de que ser consciente é o critério para definir o que é mental parecia já estar ultrapassada. O próprio Kant observara que o campo das intuições sensíveis e das sensações das quais nós não estamos conscientes era incomensurável. “Apenas alguns poucos lugares no vasto mapa de nossa mente são iluminados” (Kant, citado por Nicholls & Liebscher, 2010b, p. 11, tradução nossa), escreveu o filósofo alemão.

Como visto, diversas tentativas foram feitas no século XIX para jogar luz nesse continente desconhecido do psiquismo humano. Uma delas foi a da tradição do inconsciente cognitivo, que a vislumbrou como parte constituinte do sistema responsável pelas percepções e como um destino possível das ideias e representações submetidas ao

dinamismo psíquico. Outra concepção, a da tradição romântica, enxergou esse território como uma espécie de lugar sagrado dentro do qual o sujeito poderia entrar em contato com a natureza e com o cosmos, fonte da criação artística e da genialidade. Já a tradição dos impulsos irracionais lá encontrou os impulsos que dominam o homem e fazem dele um fantoche, guiado por desígnios que lhe ultrapassam.

Freud demonstra ter bebido de todas essas tradições no decorrer do desenvolvimento de seu pensamento, às vezes citando diretamente seus autores, outras não. Mas seria difícil imaginar que Freud chegaria à psicanálise sem uma outra tradição, essa no campo da clínica, que possibilitou ao então neurologista de Viena uma abordagem dos fenômenos patológicos (notadamente a histeria) que já levava em conta a noção do inconsciente, como se verá no próximo capítulo.

Capítulo 2:

O inconsciente na primeira psiquiatria dinâmica⁵

Segundo as confissões e as manifestações de todos os sonâmbulos, esse estado constitui uma vida deliciosa, durante a qual o ser interior, desligado de todos os entraves apresentados ao exercício de suas faculdades pela natureza visível, percorre o mundo que erradamente chamamos invisível. (...) Para o homem colocado nesse estado, as distâncias e os obstáculos materiais não existem, ou são atravessados por uma vida que existe em nós e para a qual nosso corpo é um reservatório, um ponto de apoio necessário, um invólucro.

Personagem do romance *Úrsula Mirouët*, de Honoré de Balzac

O termo primeira psiquiatria dinâmica é usado por Ellenberger (1970) para referir-se ao período compreendido entre o surgimento do magnetismo animal, ocorrido na última quinzena do século XVIII, e os trabalhos de Charcot, Bernheim e outros médicos no final do século XIX. Nesse trajeto, o inconsciente e seus fenômenos, principalmente a histeria e a hipnose, são tomados como objeto de investigação clínica e de discursos racionalistas, retirando-os progressivamente da esfera religiosa e do fantástico. A psiquiatria dinâmica é entendida como aquela marcada por concepções do sistema nervoso e das doenças

⁵ O tema desse capítulo foi tratado em dois trabalhos: *O conceito de histeria na clínica médica do século XIX e a noção de inconsciente* (Fróes & Viana, 2012a) e *A dimensão subjetiva nos fenômenos e práticas hipnóticas dos séculos XVIII e XIX* (Fróes & Viana, 2012b).

psíquicas fisiológicas e funcionais, em detrimento das anatômicas e orgânicas, que, em muitos casos, já traziam à tona noções de conflito e resistência.

O magnetismo animal

Esta história começa também com um médico vienense, no caso, Franz Anton Mesmer (1734 – 1815), o descobridor do magnetismo animal, uma técnica terapêutica que tinha como proposição central a existência de um fluido pertencente a todos os corpos. Sua distribuição desigual seria a causa das doenças; a cura estaria na restauração do equilíbrio, que poderia se dar pela recepção do fluido e por meio de crises magnéticas. O magnetismo animal marca um momento de declínio da teoria dos vapores, que dominava o pensamento médico da época — em que, por meio da fermentação, determinados vapores seriam produzidas dentro do corpo e seriam responsáveis por causarem variadas doenças —, além de propor um modelo de explicação para fenômenos patológicos que eram interpretados como casos de possessão demoníaca.

Mesmer causou furor na Europa com suas sessões de cura. Nela, dezenas de doentes se reuniam em volta do *baquet*, uma tina circular contendo água magnetizada da qual pendiam varas metálicas. Cada participante se ligava a uma extremidade e a uma corda que envolvia a todos, enquanto um ou mais magnetizadores — alguém que possuía uma quantidade de fluidos e que tinha o poder de repassá-los —, utilizando-se das mãos ou de bastões, eventualmente tocavam alguns dos presentes. Ao receberem esses fluidos, os doentes passavam por crises (que poderiam ser acompanhadas por episódios de

convulsões, vômitos, alucinações, desmaios, etc.) que tinham poder curativo. Esse ritual produzia estados hipnóticos nos doentes por meio da sugestão indireta.

As ideias e práticas magnéticas ganharam muitos seguidores e até uma organização (a Sociedade para a Harmonia) após a ida de Mesmer para Paris, ao mesmo tempo em que despertava resistências no *establishment* médico e científico da época. Duas comissões oficiais foram designadas na França para investigar e validar o magnetismo animal. Ambas rejeitaram a ideia do fluido magnético e condenaram a prática das sessões de magnetização. Os cientistas e médicos alegavam que as curas e os fenômenos despertados davam-se graças ao poder da imaginação.

À margem do saber médico, o magnetismo continuou sendo praticado e estudado. Um de seus maiores expoentes foi Armand Marie Jacques de Chastenet. Conhecido como o Marquês de Puységur (1751 – 1825), ele teve um papel fundamental na identificação e estudo do fenômeno hipnótico. Esse coronel da artilharia francês deparou-se com um estranho caso ao tentar praticar a cura magnética de Mesmer com um de seus criados, o jovem Victor Race. Durante o episódio, o camponês entrou em um estado de consciência em que apresentava faculdades fora do comum, inclusive a capacidade de prever como se daria a própria cura.

Esse fenômeno foi batizado por Puységur de sonambulismo. Por meio da indução dos pacientes a esses estados, o discípulo de Mesmer promovia a cura de variados sintomas, além de provocar fenômenos tidos como extraordinários, tais como ler um livro no escuro ou descrever lugares e acontecimentos à distância. O nobre francês diferenciava-se de seu mestre, Mesmer, por criticar as sessões públicas e em grupo e, conseqüentemente, o uso do *baquet*. Com Puységur, o tratamento magnético passou a ser particularizado, além de ter o seu prazo de duração estendido, chegando a durar meses. As

crises desencadeadoras de convulsões e desmaios de Mesmer foram substituídas pelo estado sonambólico, em que o magnetizador buscava promover um estado de repouso e ausência de dor. Sua técnica hipnótica baseava-se nos passes e na sugestão.

A prática de Puységur e de seus seguidores, em que era dada voz ao sonâmbulo, à suas predições e prescrições em relação ao tratamento, pode ser vista como instauradora de um cuidado clínico marcada pelo reconhecimento do sujeito e de suas demandas. Esses magnetizadores consideravam os estados sonambólicos como um momento inteligente e criativo da subjetividade, e não como algo ligado unicamente à dimensão da patologia e do fantástico.

Dentro da história do magnetismo, é preciso destacar ainda a obra do naturalista francês J.-P. F. Deleuze (1753 – 1835). O autor do primeiro livro a fazer uma avaliação crítica do movimento (*Histoire critique du magnétisme animal*) destaca a importância da relação magnetizador-magnetizado (*rapport*). Para Deleuze, é essa ligação entre os dois que explica, por exemplo, que um sonâmbulo execute um movimento comandado apenas mentalmente pelo magnetizador: a transmissão do pensamento se dá pelo *rapport*, assim como o cérebro dá a ordem para movimentar um músculo. Outros magnetizadores, além de Deleuze, entenderam que essa ligação era o motor dos fenômenos magnéticos e sonambólicos, e que sua influência produzia efeitos não só durante as sessões, mas prolongava-se após o seu fim. A esse fenômeno será dado o nome de sugestão pós-hipnótica. Nele, um sujeito hipnotizado recebe uma ordem, como, por exemplo, deixar de tomar café após as refeições, como habitualmente fazia. Mesmo após sair do transe, a pessoa cumpria a ordem, sem, no entanto, conseguir explicar porque havia deixado de tomar a bebida. A constatação desse fenômeno, dirá Freud (1915/2010), já demonstrava,

muito antes do surgimento da psicanálise, a existência e o modo de operação do inconsciente.

Nas obras dos magnetizadores e hipnotizadores do século XIX, vai-se estabelecendo progressivamente a ideia de um psiquismo dividido, que antecipa um conceito de inconsciente, ainda que não com esse nome. Deleuze, por exemplo, ao se deparar com casos de dupla consciência, comenta que "os fenômenos que a descoberta do sonambulismo nos fez observar mostraram a distinção de duas substâncias, a dupla existência do homem interior e do homem exterior em um só indivíduo..." (Deleuze, 1850, citado em Cazeto, 2001, p. 158).

Outro magnetizador famoso, o abade Faria (1756 – 1819⁶), também se aproxima da noção de uma divisão psíquica conflituosa. Ao tentar explicar o fato de algumas pessoas não conseguirem entrar no transe hipnótico, mesmo desejando-o, ele advoga que essa vontade sensitiva poderia entrar em desacordo com o que ele denomina uma vontade intuitiva. Tomada por medos ocultos, tal vontade poderia opor-se à primeira, de forma não consciente, impedindo que a pessoa passasse ao sono lúcido. Como enfatiza Cazeto (2001), o pensamento de Faria traria algo de novo para a época:

(uma) crença de que, para além da vontade que o sujeito comanda, há um mundo que ele nem conhece, não domina, e por vezes é por ele dominado. Um mundo, aliás, que aparece em todo seu vigor quando a vontade dorme e ele pode ser explorado. (Cazeto, 2001, p. 200)

Apesar de toda reformulação das ideias e práticas iniciadas por Mesmer, de forma geral, o sonambulismo e as curas magnéticas permaneceram, principalmente na França, à margem do saber médico oficial, sendo encaradas com desconfiança e incredulidade,

⁶ Os dados biográficos sobre o Abade Faria são escassos, e há discordâncias sobre a sua data de nascimento, sendo que alguns autores a indicam em 1746, outros em 1756.

apesar de despertarem fascínio nos meios populares e serem objeto de debate da opinião pública da época. A própria adoção do termo hipnotismo deve ser entendida dentro desse contexto. Normalmente atribuído ao cirurgião escocês James Braid⁷ (1795 – 1860), que com ele rebatizou o estado sonambúlico em uma obra de 1843 (*Tratado do sono nervoso ou hipnotismo*), o termo já havia sido utilizado há pelo menos vinte anos antes pelo Barão Henin de Cuvillers. Segundo Neubern (2009), o fato de o primeiro tentar explicar o fenômeno da hipnose a partir de um paradigma neurológico, ao contrário do segundo, ainda próximo das ideias magnéticas, insere-se dentro da lógica cientificista que procurou desqualificar o magnetismo.

Na Alemanha, a recepção ao trabalho de Mesmer foi diferente. Suas ideias foram incorporadas pelos românticos e os chamados filósofos da natureza, que viam no fluido magnético uma forte semelhança com suas concepções sobre a natureza como um organismo vivo do qual o homem seria apenas uma parte. Uma comissão instituída pelo governo da Prússia para investigar os fenômenos magnéticos terminou com uma opinião favorável sobre eles. Universidades como a de Berlim e Bonn criaram cadeiras de estudos do mesmerismo. Assim como os franceses, os alemães entenderam a importância do papel do *rapport* nos fenômenos do magnetismo, dando-lhes, no entanto, um caráter mais filosófico. C.A.F. Kluge⁸, autor de um livro-texto sobre o assunto, afirmou que hipnotizador e hipnotizado formam um círculo magnético, um mundo fechado de dois indivíduos. Já Hufeland (1762 – 1836), outro estudioso do magnetismo, comparava essa unidade com aquela entre a mãe e o bebê (Ellenberger, 1970).

⁷ Braid interessa-se pela hipnose após assistir uma apresentação pública do magnetizador francês Lafontaine. A partir daí, desenvolve experimentos próprios com a técnica, entre elas, o de seu uso anestésico. Posteriormente ao texto de 1843, Braid irá propor explicações de cunho mais psicológico para o fenômeno. (Cazeto, 2001)

⁸ Não foi possível encontrar as datas de nascimento e morte desse médico alemão

A influência do mesmerismo na Alemanha continuou forte até meados de 1850, quando o impacto do positivismo e do racionalismo científico fez com que sua aceitação declinasse rapidamente. Já na Inglaterra, seu impacto foi pequeno, apesar de suas técnicas terem sido usadas por alguns médicos como anestésias em cirurgias. EUA e Escócia também tiveram seus mesmeristas, que influenciaram o surgimento do espiritismo e da ciência cristã. Na segunda metade do século XIX, no entanto, o mesmerismo caiu em descrédito, tendo sido confundido e misturado a outras práticas ocultistas e de charlatanismo.

Freud faz apenas duas breves referências ao magnetismo em sua vasta obra. Em uma delas, contida na resenha ao livro *Hipnotismo*, de Auguste Forel, ele cita o mesmerismo como uma das teorias criadas para explicar os fenômenos hipnóticos. Assim como a maioria de seus contemporâneos, ele irá rejeitar todo um saber que parece totalmente deslocado diante dos ideais cientificistas do final do século XIX.

A mais antiga destas, que ainda denominamos teoria de Mesmer, supõe que, no ato de hipnotizar, um material imponderável — um fluido — passa do hipnotizador para o organismo hipnotizado. Mesmer chamava esse agente de “magnetismo”. Sua teoria tornou-se tão estranha à nossa forma de pensamento científico contemporâneo que pode ser considerada eliminada. (Freud, 1889, p. 135)

O mesmerismo, no entanto, foi crucial para o pensamento clínico do século XIX. Ele estabeleceu a hipnose como uma técnica terapêutica e de investigação para lidar com fenômenos patológicos que escapavam à compreensão dos médicos da época. Ele também trouxe à tona a concepção de uma subjetividade que não está identificada unicamente com a consciência nem está submetida apenas à razão. Os mesmeristas vislumbraram nesse psiquismo cindido um inconsciente que iria, cada vez mais, despertar o interesse dos homens do século XIX.

Histeria e hipnose

A partir de sua prática, os magnetizadores depararam-se com uma série de quadros clínicos recorrentes em seus paciente hipnotizados, denominados doenças magnéticas. Entre elas, estavam a catalepsia, a letargia, o êxtase maníaco (espécie de confusão alucinatória) e as visões de êxtase (semelhante a um sonhar acordado). Enquanto isso, as pesquisas médicas começavam a avançar na delimitação da histeria como uma entidade clínica diversa da epilepsia e da hipocondria, tentando estabelecer quais seus sintomas particulares e o modo de sua evolução. Na primeira metade do século XIX, as discussões sobre a doença ainda são fortemente marcadas pela polêmica a respeito da sede da doença — o útero ou a cabeça, indicando as diferentes perspectivas de concepção da histeria como problema fisiológico (perturbação de um órgão) ou psíquico.

Segundo Ellenberger (1970), o primeiro estudo objetivo da histeria foi feito por Paul Briquet (1796 – 1881) em 1859, em seu *Tratado sobre a histeria*. Como chefe do Hospital da Caridade, em Paris, ele investigou, junto com sua equipe, 430 pacientes histéricos. Briquet definiu a histeria como “uma neurose do encéfalo, cujos fenômenos aparentes consistem principalmente na perturbação dos atos vitais que servem às manifestações das sensações afetivas e das paixões” (Briquet, 1859, citado em Cazeto, 2001, p. 240). Em sua pesquisa, Briquet encontrou a proporção de um caso masculino para 20 femininos. Ele descartou a opinião comum de que a histeria era causada pela frustração ou pela ânsia erótica, observando que era mais fácil encontrar manifestações da doença em prostitutas do que em freiras. Ele destacou a importância dos fatores hereditários e apontou que a histeria era mais prevalente entre as classes baixas do que altas, no campo do que na

cidade, concluindo que a doença era causada pelo efeito de emoções violentas, conflitos familiares, sofrimentos prolongados e amores frustrados em pessoas predispostas e hipersensíveis.

Os sintomas histéricos são vistos por Briquet como a mimetização da expressão de emoções penosas ou violentas. Para o médico francês, a histérica sente em seu corpo aquelas mesmas sensações de uma pessoa normal que sofreu um choque emocional: taquicardia, opressão no peito, sensação de algo preso na garganta, etc. Briquet distingue-se de seus antecessores não por perceber que a crise histérica era uma consequência das “paixões”, e sim por considerar o ataque como uma lembrança ou reprodução de um acontecimento que deu origem à doença. Em uma de suas pacientes, vítima de uma agressão sexual, ele identificava que, durante as crises histéricas, ela “enxergava” o autor do abuso, vociferava contra ele e repetia os gestos de se defender do homem que a atacou. “Briquet foi o primeiro a atribuir um sentido à crise, sentido que é dado pela história do histérico e que entra na sua economia pessoal” (Trillat, 1991, p. 122).

A histeria era caracterizada, até a segunda metade do século XIX, principalmente pela ocorrência de crises e por sua sintomatologia corporal. A partir de então, o quadro clínico da histeria passou a abarcar também os sintomas associados às doenças magnéticas, bem como ao fenômeno da múltipla personalidade, despertando o interesse dos médicos pela relação entre a doença e os estados hipnóticos. Um dos marcos nesse processo é a obra de Étienne Eugène Azam (1822–1899), que ficou famoso pelo caso Félicité X. Ele introduziu o hipnotismo no meio médico francês ao experimentar a técnica preconizada por Braid em uma jovem considerada alienada, que apresentava sintomas tais como catalepsia, anestesia e perda de memória. Suas primeiras experiências terapêuticas foram divulgadas em 1860, e causaram certo furor para, logo em seguida, serem rechaçadas pelos

círculos científicos. Foi somente em 1876 que Azam faz o relato detalhado do caso da jovem atendida há mais de uma década e que ele havia novamente reencontrado.

Félida X era uma costureira de origem simples que alternava normalmente entre dois estados de consciência: no primeiro, ela mostrava-se triste, sombria, firmemente dedicada ao trabalho; no segundo, transformava-se em uma pessoa vivaz, emotiva e de imaginação exaltada. A transição entre eles era marcada por um período curto de adormecimento. Quando se encontrava no primeiro estado, não se recordava de nada do que ocorrera no segundo, enquanto que neste, sua memória não apresentava falhas. Além de sofrer dessa alternância de estados (havia um terceiro, desconsiderado, no entanto, por Azam, em que ela “acordava” apavorada), Félida X apresentava sintomas histéricos, tais como anestesia, sensação de bola epigástrica, perda de olfato e paladar, etc. Quando a paciente é reencontrada 16 anos depois, a duração do segundo estado predominava sobre o primeiro. Em suas tentativas de explicar o caso, Azam considera que o segundo estado de consciência seria uma espécie de sonambulismo total, em que todas as faculdades manter-se-iam intactas. Isso explicaria a falta de lembranças quando se dava o retorno ao primeiro estado.

Ellenberger afirma que, por volta da década de 1880, o problema da múltipla personalidade era um dos mais discutidos entre filósofos e psiquiatras. “[Ele] ilustrava dramaticamente o fato de que a unidade da personalidade não é dada ao indivíduo como algo natural, e, sim, que deve ser alcançada por meio de esforços persistentes e duradouros” (Ellenberger, 1970, p. 141, tradução nossa). A partir do caso Félida X, histeria, hipnose e a divisão da personalidade seriam consideradas, cada vez mais, como fenômenos interligados, uma concepção que se manterá na obra de Charcot e de seus discípulos da Salpêtrière.

A escola da Salpêtrière

Considerado o maior neurologista do seu tempo, Jean-Martin Charcot (1825 – 1893) irá explorar a fundo a relação entre histeria e hipnose. Entre o começo de seu trabalho com o novo setor dos epiléticos no Hospital da Salpêtrière, em 1870, e a morte precoce, em 1893, o médico francês promoverá mudanças significativas em sua concepção da histeria, partindo de uma abordagem puramente neurológica da doença para, progressivamente, dar ênfase aos processos psíquicos nela envolvidos. Nesse percurso, ele vai utilizar a técnica hipnótica como método de investigação e de terapia. Pelas mãos de Charcot, tanto a histeria como a hipnose ganharão o status de fenômenos dignos do interesse científico, apesar das críticas e desconfianças sempre existentes nesse campo.

Por volta de 1877, sua atenção estava voltada para a metaloterapia — a cura da anestesia pela ingestão de determinados metais — e para o fenômeno da transferência — deslocamento de sintomas entre os lados do corpo. Charcot experimenta a hipnose numa paciente chamada Pauline, acometida por uma contratura histérica do punho esquerdo. A técnica é uma das utilizadas na paciente buscando provocar uma contratura artificial no punho direito que, pelo fenômeno da transferência, aliviaria o sintoma original. Charcot repete o experimento com outra paciente, utilizando como técnica de hipnotização a fixação do olhar. A partir dessas experiências, o neurologista francês vai distinguir três diferentes estágios do fenômeno hipnótico, que caracterizaria o que ele denominou de grande hipnose: catalepsia, letargia e sonambulismo (Cazeto, 2001). Para a escola da Salpêtrière, a habilidade em ser hipnotizado era considerada uma característica clínica de um quadro de histeria. Assim, suscetibilidade para a hipnose é considerada uma

suscetibilidade para a doença. (Bogousslavsky, Walusinski & Veyrunes, 2009) A hipnose passa a ser uma ferramenta essencial para as tentativas de teorização de Charcot sobre o mecanismo de produção de sintomas oriundos da histeria. Em uma de suas aulas, o chefe da escola da Salpêtrière atesta esse fato. "Nós já tivemos a ocasião de invocar o estado de hipnotismo para ali buscar a interpretação de certos fenômenos patológicos cuja teoria sem este recurso seria inextrincável." (Charcot, 1971, citado por Cazeto, 2001, p.284)

Na Salpêtrière, a hipnose foi utilizada, principalmente, como técnica de investigação e, de forma secundária, como método terapêutico. No primeiro caso, ela servia como instrumento de verificação do caráter psíquico de determinado sintoma. Se uma paralisia, por exemplo, pudesse ser induzida em um paciente hipnotizado tal como ela aparecia em um histérico, poder-se-ia descartar uma causalidade física do sintoma. Com base nessas experiências, lembra Freud no obituário do médico parisiense, Charcot conseguiu elaborar a primeira explicação do mecanismo de um fenômeno histérico. Para ele, essas paralisias eram causadas por ideias que haviam dominado o cérebro dos pacientes em momentos de disposição especial. (Freud, 1893a/2006) Tal concepção influenciaria os trabalhos de Breuer, Janet e Freud no desenvolvimento de uma teoria das neuroses cada vez mais baseadas em explicações de cunho psicológicas. Já como método de cura, a hipnose era usada na Salpêtrière nos casos de transferência, como visto, e também por meio da sugestão pós-hipnótica: uma paciente com amnésia, por exemplo, era submetida à hipnose e ouvia do médico afirmações como a de que, quando acordasse, lembrar-se-ia de determinado fato esquecido, o que de fato concretizava-se.

Segundo Cazeto (2001), a ideia de um inconsciente vai surgindo na obra de Charcot principalmente a partir do estudo das histerias traumáticas. Em um dos casos analisados, um homem é acometido de uma paralisia após ser atropelado por uma viatura. O paciente recebe alta do acidente, mas, pouco tempo depois, entra em coma e, ao acordar,

está com as duas pernas sem movimento. Para o paciente, o carro teria passado sobre suas pernas, imagem que lhe volta em sonhos, apesar de não ser verdadeira. Em sua abordagem do caso, Charcot dirá que esse homem inventou inconscientemente esse detalhe do acidente e que, devido ao coma, haveria se dado uma condição de dissociação do eu, análoga ao do sonambulismo, que permitiria que essa ideia fosse concretizada. Para o médico francês, é como se o histérico desenvolvesse uma outra consciência, que vivesse à parte e que esperasse uma situação de fraqueza para se impor sobre o doente.

É possível despertar nos órgãos psíquicos uma ideia ou um grupo de ideias associadas que, na ausência de qualquer controle e de qualquer crítica, deverão estabelecer-se em estado autônomo, viver, de certo modo, como um parasita e, por isso mesmo, adquirindo uma enorme força e um poder de realização, por assim dizer, sem limites (Charcot, 1890, citado por Trillat, 1991, p. 157).

A clínica da Salpêtrière permitirá novos avanços nas ideias de Charcot. Chegam a ele duas pacientes histéricas que apresentavam um quadro de dupla personalidade. A partir deles, Charcot irá aproximar-se de noção de um eu inconsciente de caráter estritamente psicológico, causador da histeria. "Poderíamos dizer de modo geral que nas histéricas existe uma tendência às alterações da personalidade; à divisão ou mesmo à fragmentação desta unidade que chamamos de eu", afirma Charcot (1971, citado por Cazeto, 2001, p.295).

Charcot desempenhou papel de destaque na vida de Freud. Aos 29 anos, atraído pela fama internacional do médico francês de maior neurologista de seu tempo, Freud passa uma temporada de estudos na Salpêtrière. Lá, consegue estabelecer uma relação próxima com Charcot, tornando-se tradutor das obras deste para o alemão e sendo convidado para algumas de suas recepções sociais. Ellenberger (1970) aponta que, para Freud, o encontro com Charcot teve um caráter "existencial", e que ele deixou Paris com a impressão de ter conhecido um grande homem, alguém que lhe abriu as portas para um

novo mundo de ideias. A sua estada na Salpêtrière marca a mudança de interesse da neuropatologia para a psicopatologia, principalmente para a questão da histeria. A admiração pelo mestre era tanta que o primogênito de Freud recebeu o primeiro nome do médico francês.

A concepção de Charcot de que uma ideia sugerida é capaz de manter-se como um parasita psíquico e, assim, manifestar-se patologicamente, aproveitando-se de um estado mental provocado pelo trauma, semelhante a um estado hipnótico, servirá de modelo para Breuer e Freud no momento em que eles propuserem o método catártico em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar* (1893/2006). Para os dois médicos de Viena, a histeria se caracterizaria justamente pela tendência à dissociação da consciência (cuja ocorrência gera os denominados estados hipnóides), em que uma representação, impedida de associação normal com o conteúdo da consciência, organiza-se posteriormente em uma *seconde conscience* que irá manifestar-se por meio de sintomas e, até mesmo, impor-se ao sujeito.

A escola de Nancy

A denominada escola de Nancy tem como principal expoente Hippolyte Bernheim (1840 – 1919), um crítico severo das teorias de Charcot. Esse clínico-geral do interior da França vai se inspirar no trabalho de Ambroise-Auguste Liébeault (1823 – 1904), um médico atraído pelo magnetismo animal que desenvolve uma clínica beneficente baseada na hipnose e na sugestão, para propor um novo entendimento sobre as patologias psíquicas e sua terapia.

Bernheim torna preeminente o conceito de sugestão, definido por ele como o “ato pelo qual uma ideia é introduzida no cérebro e aceita por ele” (Bernheim, 1891, citado por Cazeto, 2001, p. 307). Toda ideia, ao penetrar o psiquismo, tende a transformar-se em ato, no que foi denominada lei do ideodinamismo. Sua origem pode ser externa ou interna; no caso dessa última, dando origem à autossugestão. Para Bernheim, a sugestão não é um ato passivo, pois o processo traz consigo as marcas do sujeito — lembranças e características individuais — que são elaboradas inconscientemente junto com a ideia sugestiva (Cazeto, 2001).

Assim como outros autores da primeira psiquiatria dinâmica, Bernheim admite que uma ideia de caráter mórbido ou obsessivo pode gerar uma segunda consciência que faz com que o sujeito viva uma verdadeira vida sonambúlica. A escola de Nancy notabilizou-se, entre outras coisas, pelo interesse nas relações entre sonambulismo e a prática de crimes. Para Bernheim, essa duplicidade psíquica poderia explicar muitos casos de delitos praticados por sujeitos que alegavam não ter consciência de suas ações: eles estariam sob o controle da *seconde conscience*.

Ao contrário de Charcot, que concebia a suscetibilidade para a hipnose como uma condição patológica própria dos histéricos, Bernheim defenderá que qualquer pessoa pode ser submetida ao hipnotismo, já que este não passa de um mero efeito da sugestão. Assim como também o são os sintomas histéricos: a grande histeria da Salpêtrière não passa de uma histeria de cultura, em que os pacientes apenas repetem aquilo que os médicos esperam deles.

É difícil acreditar o quanto estamos expostos a fazer sugestões inconscientes aos neuropatas e aos histéricos: criam-se nevralgias, zonas histerogênicas, anestésias, até mesmo antecedentes mórbidos ilusórios; exteriorizamos sobre os doentes nossas próprias concepções, fabricamos uma observação com as ideias preconcebidas que temos no espírito (Bernheim, 1891, citado por Trillat, 1991).

Todo o esforço de Charcot por estabelecer a nosografia da histeria é inútil para Bernheim, que não a considera uma doença específica. A patologia só pode começar onde termina o efeito da sugestão. Aquilo que pode ser curado pela psicoterapia, para Bernheim, não é de competência da medicina. (Trillat, 1991). No decorrer de sua prática clínica, o médico de Nancy percebe que os efeitos da sugestão podem ser alcançados sem a necessidade de hipnotizar os pacientes, o que o levou a abandonar essa prática. Bernheim concebe uma psicoterapia que precisa se adaptar ao doente. Se este for de natureza rude, convém sugestioná-lo de forma ameaçadora; caso contrário, melhor adotar um jeito suave. O médico precisa ser paciente, mostrar interesse, ter tato e nunca questionar as queixas do paciente, chamando-as de imaginárias. Para Trillat (1991), o pensamento de Bernheim permitiu o estabelecimento do que posteriormente se denominou relação médico-paciente, mediada, no entanto, pela sugestão.

O médico não mais se encontra diante de um objeto de observação e de experiência; ele se dirige a um sujeito que sofre e que ele quer aliviar. Sua palavra é terapêutica e ele faz psicoterapia. O sujeito não é inerte, nem passivo. Ele recebe a sugestão, mas é livre para recusá-la. Os efeitos da sugestão não são determinados de maneira fixa; eles dependem do sujeito, de sua personalidade, de sua história (Trillat, 1991, p. 183).

As relações entre Freud e Bernheim incluem a tradução para o alemão de dois dos livros do médico de Nancy e uma visita de algumas semanas à cidade francesa para aprimorar sua técnica de hipnose. Em *A história do movimento psicanalítico* (1914/2006), Freud conta que o tratamento por sugestão durante a hipnose foi adotado por ele após sua decepção com os resultados da eletroterapia. O caso Emmy Von N., relatado nos *Estudos sobre Histeria* (1895/2006), mostra o uso indiscriminado da sugestão por Freud, que chegava ao ponto de proibir a paciente de se assustar quando não houvesse motivo,

combinada com a investigação da origem das causas do sintoma, conforme o método catártico de Breuer. Esse lhe parecia mais interessante do que “as proibições monótonas e forçadas usadas no tratamento pela sugestão, proibições que criavam um obstáculo a qualquer pesquisa” (Freud, 1914/2006, p. 20). Quando Freud depara-se com as limitações na capacidade de hipnotizar seus pacientes, socorre-se utilizando um artifício de Bernheim, que, ao tentar fazer com que seus pacientes recordassem fatos ocorridos durante o transe hipnótico, pressionava-lhes a mão na testa e ordenava-lhes que se lembrassem do ocorrido. A técnica da “pressão” será utilizada por Freud até que ele passe a adotar a associação livre, abandonando de vez a hipnose, tal como fizera Bernheim anteriormente. A aceitação da hipnose pelos médicos foi, no entanto, um passo fundamental para o reconhecimento do inconsciente, como atesta Freud em *Uma breve descrição da psicanálise* (1924/2006).

(...) duas lições fundamentais e inesquecíveis não podiam deixar de ser extraídas do hipnotismo. Em primeiro lugar, recebia-se prova convincente de que notáveis mudanças somáticas afinal de contas podiam ser ocasionadas unicamente por influências mentais, as quais, nesse caso, nós próprios tínhamos colocado em movimento. Em segundo, recebia-se a impressão mais clara — especialmente do comportamento dos indivíduos após a hipnose — da existência de processos mentais que só se poderia descrever como ‘inconscientes’. O ‘inconsciente’, é verdade, há muito tempo estivera sob discussão entre os filósofos como conceito teórico, mas agora, pela primeira vez, nos fenômenos do hipnotismo ele se tornava algo concreto, tangível e sujeito a experimentação. Independentemente de tudo isso, os fenômenos hipnóticos mostravam uma semelhança inequívoca com as manifestações de algumas neuroses. (Freud, 1924/2006, p. 216)

Ao retornar de sua temporada na Salpêtrière, em 1886, Freud logo abriu seu consultório, iniciando uma prática clínica que iria sofrer profundas modificações nos anos seguintes. O jovem médico de Viena começa a tratar seus pacientes com base em pressupostos que foram estipulados pela primeira psiquiatria dinâmica. Um deles é o de

que a histeria era uma patologia real, que, não obstante os esforços para lhe determinar as causas fisiológicas, possuía uma dimensão psíquica inequívoca. Outro era o de que a etiologia dessa neurose envolvia um processo de dissociação da consciência. Finalmente, havia o pressuposto de que a hipnose era um método privilegiado para o tratamento e a investigação da histeria. As conquistas da primeira psiquiatria dinâmica servirão de base para a prática clínica de Freud e o pensamento desenvolvido por seus autores se tornará uma das principais referências utilizadas por ele nos primeiros textos dedicados às questões das doenças nervosas, como se verá no próximo capítulo.

Capítulo 3:

Primeiros usos da noção de inconsciente por Freud e sua relação com as tradições

Na longa história do inconsciente, Freud surge como um marco que provoca uma ruptura e inicia uma nova era. A criação de uma disciplina que toma para si o inconsciente como objeto de investigação, como costumeiramente é caracterizada a psicanálise, levou a uma falsa impressão de que o próprio conceito era obra de Freud. Em uma versão algo mítica, popularizada nos livros introdutórios e nas salas de aula, Freud, isolado da comunidade médica e científica, empreende uma heroica autoanálise e dela emerge com a descoberta revolucionária do inconsciente.

Nada mais equivocado em termos históricos. No século anterior à *Interpretação dos sonhos* (1900), e com origens ainda mais recuadas no tempo, já havia se desenvolvido no pensamento ocidental uma série de discursos sobre o inconsciente, seja no campo da filosofia quanto no das artes, seja no campo da medicina quanto no da psicologia. É possível dizer que o inconsciente, como um objeto científico, já havia sido construído. Ao mesmo tempo em que pode ser encarada como apenas mais um discurso sobre esse objeto, a psicanálise também pode ser vista como fundante de um outro inconsciente, graças ao novo olhar lançado sobre ele. Aqui, as opiniões divergem: Ellenberger (1970), por exemplo, busca caracterizar o pensamento freudiano mais como uma continuação do que uma ruptura com o que ele denominou a primeira psiquiatria dinâmica. Já para Lacan (2008), o inconsciente proposto por Freud não guarda relação com o que foi dito sobre esse objeto anteriormente.

Para tentar compreender em que medida o pensamento freudiano apropria-se dos discursos sobre o inconsciente que o antecederam e também promove rupturas com essa tradição, este trabalho busca identificar nos primeiros textos de Freud a existência de uma noção de inconsciente e situá-la em suas aproximações com os outros discursos que também o tomam como objeto. Assim, é possível acompanhar os modos como o pensamento freudiano vai se relacionando com a tradição e os movimentos que faz em direção a uma conceituação própria de inconsciente.

Para isso, serão analisados nesse capítulo textos selecionados de Freud compreendidos no período de 1888 a 1893 que façam referências diretas ou indiretas ao modo como Freud entende e se apropria da ideia de inconsciente para, a partir daí, estabelecer as relações com os diversos discursos existentes sobre o inconsciente.

Primeiras aparições do termo inconsciente

Dos textos reunidos no Volume I das *Obras Completas*, o primeiro que merece destaque no âmbito desse estudo é o verbete *Histeria* (1888a/2006), escrito para a enciclopédia de Villaret e publicado sem a assinatura de Freud, mas sobre o qual não pairam dúvidas de sua autoria. Nele, Freud deixa patente seu entusiasmo pelo pensamento de Charcot, que domina praticamente todos os aspectos abordados no texto. A concepção etiológica da doença expressa no verbete corresponde quase exatamente àquela defendida por Charcot, em que o fator hereditário é preponderante, tornando os outros (traumas, intoxicações, emoções) secundários. Estes, chamados agentes provocadores, possuem importância meramente prática ao ativarem a disposição histérica, desencadeando a forma aguda da doença (Andersson, 2000).

Em um ponto, entretanto, Freud irá discordar de seu mentor. É quando ele descarta a hipótese anatomofisiológica formulada por Charcot de que determinados sintomas histéricos seriam causados por uma lesão dinâmica que afetaria os mesmos locais de uma lesão orgânica provocadora de efeitos similares. O texto da enciclopédia é enfático quanto a esse ponto:

A histeria é uma neurose no mais estrito sentido da palavra —quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações (Freud, 1888a/2006, p. 77)

Andersson (2000) afirma que essa posição de Freud expressa mais sua diferenciação em relação a Meynert, seu ex-professor, do que propriamente a Charcot, que, progressivamente, vai abandonando a visão anatomopatológica ao qual o primeiro se manteve aferrado. Freud estaria sob a influência da eletrofisiologia e das novas descobertas sobre as funções do sistema nervoso, cujos desdobramentos podem ser exemplificados pelo quadro de síndrome neurastênica proposto por Beard, objeto de amplas discussões na época. É nesse contexto que Freud considera os distúrbios psíquicos que ocorrem no quadro histérico, tais como inibições da vontade e desvios nas associações de ideias, como "alterações na distribuição normal, no sistema nervoso, das quantidades estáveis de excitação" (Freud, 1888a/2006, p. 85).

Ao referir-se ao fato de que nem todos os histéricos apresentam tais sintomas psíquicos, Freud usa pela primeira vez no texto o termo inconsciente. Escreve ele:

Os sintomas psíquicos têm sua significação dentro do quadro total da histeria, mas não são mais constantes do que os diferentes sintomas físicos, os estigmas. Por outro lado, as modificações psíquicas, que devem ser assinaladas como o fundamento do estado histérico, ocorrem inteiramente na esfera da atividade cerebral inconsciente, automática. Talvez ainda se possa acentuar que na histeria (como em todas as neuroses) aumenta a influência dos processos psíquicos sobre os processos físicos do organismo, e que os pacientes histéricos funcionam com um excesso de excitação no sistema nervoso — excesso que se manifesta ora como

inibidor, ora como irritante, deslocando-se com grande mobilidade dentro do sistema nervoso (Freud, 1888a/2006, p. 86).

Nesse trecho, Freud busca explicar o fato de que, apesar da histeria implicar necessariamente em modificações psíquicas, nem sempre elas surgem aos olhos do médico ou mesmo do paciente. Tais mudanças se dão em uma esfera, a da atividade cerebral inconsciente, cuja influência pode, muitas vezes, se dar apenas sobre os sintomas físicos. Em outro trecho, Freud volta a essa questão. Ao discorrer sobre o tratamento da histeria, ele especifica o modo de ação sobre os sintomas isolados da doença: "o tratamento direto consiste na remoção das fontes psíquicas que estimulam os sintomas histéricos, e isto se torna compreensível se buscarmos as causas da histeria na vida ideativa inconsciente" (Freud, 1888a/2006, p. 93).

A própria linguagem utilizada por Freud nos trechos citados revela a duplicidade do lugar que ocupa no momento: "atividade cerebral inconsciente" remete a uma concepção puramente neurológica, enquanto "vida ideativa inconsciente" já se aproxima de uma visão mais próxima ao campo da psicologia. Essa dualidade é a mesma encontrada no pensamento de Charcot, como pode-se notar em seus comentários ao caso de um paciente chamado Joseph Le Logeais, que é acometido de uma paralisia após ser atropelado por uma viatura. O jovem recebe alta do acidente, mas, pouco tempo depois, entra em coma e, ao acordar, está com as duas pernas sem movimento. Para Logeais, o carro teria passado sobre suas pernas, imagem que lhe volta em sonhos, apesar de não ser verdadeira. Em sua abordagem do caso, Charcot dirá que esse homem inventou inconscientemente esse detalhe do acidente e que, devido ao coma, haveria se dado uma condição de dissociação do eu, análoga ao do sonambulismo, que permitiria que essa ideia fosse concretizada, em um processo denominado de autossugestão.

Pode-se comparar o processo de que se trata com uma espécie de ação reflexa no qual o centro do arco diastáltico é representado pelas regiões do córtex cinzento onde se operam fisiologicamente os fenômenos psíquicos relativos aos movimentos voluntários dos membros. Em razão da dissociação fácil da unidade mental, do eu, em casos deste gênero, estes centros podem ser colocados em jogo, sem que as outras regiões do órgão psíquico sejam advertidas e chamadas a participar do processo (Charcot, 1971, citado em Cazeto, 2001, p.289)

Como ressalta Cazeto (2001), Charcot desenha nesse período um inconsciente fundamentalmente neurológico. Essa concepção é muito similar à utilizada por Freud no texto em questão. Em outro escrito do mesmo ano, o prefácio à tradução do livro de Bernheim intitulado *Sobre a sugestão* (Freud, 1888b/2006), o caráter fisiológico dos processos inconscientes ressurge no contexto das diferenças entre Charcot e Bernheim sobre a hipnose. O texto estabelece a posição deste último, representante da chamada Escola de Nancy, que considera como psíquicas todas as manifestações hipnóticas, sendo essas frutos da sugestão. A posição contrária é aquela defendida por Freud: a de que pelo menos alguns dos mecanismos dos fenômenos provocados pela hipnose são baseados em modificações fisiológicas. Tais modificações são entendidas como "deslocamentos da excitabilidade no sistema nervoso, que ocorrem sem a participação das partes do mesmo que operam com a consciência" (Freud, 1888b/2006, p. 113).

A visão psicofisiológica de Freud que subjaz a esses escritos é mais claramente delineada no verbete sobre o cérebro produzido para a mesma enciclopédia de Villaret. Nela, Freud postula uma ligação entre as modificações materiais que ocorrem no órgão e aquelas da consciência, ressaltando o desconhecimento sobre tal mecanismo. Não há, na concepção de Freud, uma relação inequívoca entre as modificações nas duas esferas: "às vezes, uma certa modificação material é acompanhada por 'eventos imateriais' correspondentes, ou seja, por fenômenos psíquicos que 'ultrapassam o limiar da consciência'; outras vezes, ao invés, concomitantemente à modificação material, não sobrevém qualquer modificação na consciência" (Freud, 1888c, citado em Andersson,

2000, p. 104). Para ele, uma modificação material é acompanhada de um fenômeno consciente quando ocorre uma direção arbitrária da atenção ou mesmo uma superação voluntária do limiar de consciência. Ele considera, no entanto, que muitos aspectos dos processos psíquicos, ou todos eles, podem permanecer sob esse limiar, o que não implicaria no fato de qualquer elemento do processo material ter que ser representado de forma diferente por causa disso.

Para Andersson (2000), as descrições psicológicas e fisiológicas empregadas por Freud nessa época, estavam relacionadas aos problemas da atenção e da consciência. Nesse sentido, o termo inconsciente estaria sendo usado para definir processos cerebrais que, por não serem objetos da atenção, não chegariam à consciência. As referências de Freud nesse terreno são o esquema do arco reflexo e os processos associativos. O uso do termo automático como similar ao de inconsciente ressalta o caráter mecânico desses processos cerebrais.

Freud insere-se aqui na tradição filosófico-histórica que foi identificada como a do inconsciente cognitivo, da qual Herbart pode ser apontado como um dos principais expoentes. A suposta influência de Herbart sobre o pensamento freudiano é alvo de constantes polêmicas (Jones, 1959; Leader, 2010). Andersson (2000) aponta que, nos textos de 1888, é possível detectar pontos de contato com as teorias herbartianas, mas que eles não necessariamente indicam uma relação direta. De qualquer forma, tais pontos revelam a inserção de Freud em um tipo de discurso sobre o inconsciente já estabelecido.

(...) não encontramos entre os artigos de Freud daquele ano qualquer referência a processos psicológicos diferentes daqueles compatíveis com a tradição associacionista genérica. Ele usava, no entanto, alguns termos e pontos de vista similares àqueles da psicologia herbartiana. A atenção (*aufmerksamkeit*) era de fato mencionada como o processo psíquico por meio do qual as ideias com potencial de se tornarem conscientes podiam chegar à consciência. Nesses artigos encontramos também a utilização do conceito de 'limiar da consciência'. Mas é preciso levar em conta que esses termos eram usados muito comumente naquele tempo, seja pelos

seguidores do herbartismo, seja entre outros psicólogos que operavam com independência em relação àquela tradição (Andersson, 2000, p. 110).

No verbete para a enciclopédia de Villaret, uma passagem parece destoar em relação ao emprego do termo inconsciente. Ao abordar a questão da evolução da histeria, o texto discorre sobre a capacidade de um órgão, mesmo tendo sido acometido por um distúrbio por vários anos, retomar à sua funcionalidade sem sequelas. Por outro lado, escreve Freud, "a evolução dos distúrbios histéricos muitas vezes exige uma espécie de incubação, ou melhor, um período de latência, durante o qual a causa desencadeante continua atuando no inconsciente" (Freud, 1888a/2006, p. 89). Garcia-Roza (2008) destaca, nesse trecho, o uso do termo na forma substantiva, apontando para a existência não só de processos cerebrais inconscientes, mas também para um lugar psíquico específico.

Não há, em textos desse período, outro uso do termo inconsciente dessa forma. Strachey (1969/2006) aponta que a primeira utilização do termo no sentido psicanalítico será feita por Breuer durante o relato do caso Anna O., em *Estudos sobre a histeria* (1895). Uma nota de rodapé à tradução do livro de Bernheim parece indicar que Freud não concebia uma localização específica onde se dariam os processos inconscientes. Diz a nota: "parece-me injustificável e desnecessário supor que uma ação mude de localização no sistema nervoso, se ela foi iniciada conscientemente e, depois, inconscientemente. Ao contrário, é provável que a região cerebral em questão possa operar com uma quantidade variável de atenção (ou consciência)" (Freud, 1888b/2006, p. 120). É a atenção que vai determinar o caráter consciente ou inconsciente de uma ação, não importando a sua localização dentro do sistema nervoso, já que ainda parece não haver sequer esboço de um aparelho psíquico que comportasse um inconsciente. O uso do termo inconsciente tem, nesse momento do pensamento freudiano, apenas um significado descritivo. Como sintetiza Andersson: "Em 1888-1889, o termo 'inconsciente' era sinônimo de 'não-

psíquico', sendo usado, primordialmente, de uma maneira figurativa, referindo-se a processos que não tinham possibilidade de se tornarem conscientes, e que eram descritos em sua maior parte como processos fisiológicos" (Andersson, 2000, p. 158).

Nos textos desse período (1888-1891), Freud já faz referência às descobertas de Breuer no campo do tratamento da histeria, mas de uma forma limitada. Ao contrário do que será desenvolvido posteriormente como o método catártico, o que Freud propõe é que o uso da sugestão após a rememoração da ocasião que originou o sintoma torna-se mais efetivo. A ideia de ab-reagir as lembranças traumáticas somente será elaborada no período imediatamente posterior. Aqui, Freud demonstra ainda estar sob a influência da obra de Bernheim, e utilizava a sugestão para eliminar ou apagar a memória dos eventos que alimentariam os distúrbios histéricos.

O inconsciente como resultado da divisão da consciência

Um outro tipo de inconsciente vai surgir no pensamento freudiano com a noção de dissociação da consciência, que aparece tanto na *Comunicação Preliminar — Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (1893), escrita em parceria com Breuer, quanto nos esboços preparatórios a esse texto. Uma segunda consciência surge como resultado desse processo, que seria a característica mesma da histeria. A própria nomeação desse outro lugar como consciência segunda indica essa relação de subordinação.

Breuer e Freud vão descrever o processo de constituição desse inconsciente, que é secundário e adquirido (Freud, 1894). Existe uma tendência na histeria à dissociação da consciência, o que provoca o surgimento de estados anormais (chamado de hipnóides). Quando um neurótico encontra-se em um desses estados, podem surgir representações que ficarão impossibilitadas de se inserirem no conteúdo da consciência. Essas representações

isoladas (sempre muito intensas) podem associar-se entre si e, assim, formarem uma *seconde conscience* organizada. Esse processo, no entanto, não é exclusivo dos histéricos e pode ocorrer em pessoas normais que forem vítimas de um trauma psíquico — uma experiência (dor, susto, vergonha, etc.) — que desperte afetos aflitivos. É quando essa segunda consciência adquire controle sobre a existência do doente que os ataques histéricos ocorrem.

Para ser traumática, não basta uma experiência ser apenas aflitiva: ela deve também ter sido impedida de ser ab-reagida, ou seja, de ter sua carga de afeto devidamente despendida por meio de reação ou elaboração. No caso dos não histéricos, isso se dá quando há uma impossibilidade de reação ou quando a pessoa deseja esquecer o evento e recalca a sua lembrança. A psicoterapia proposta por Breuer e Freud a partir desse modelo consiste em, por meio da hipnose, permitir que as lembranças dissociadas reapareçam de forma tal que o afeto a elas ligado seja ab-reagido. Tal processo ocorre quando o paciente consegue descrever todos os detalhes do evento traumático e traduzir o afeto correspondente em palavras.

Como ressalta Andersson (2000), o mecanismo da ab-reação tinha como pressuposto um modelo fisiológico não explicitado no texto, cujas ideias principais eram a de um sistema nervoso empenhado em manter um equilíbrio energético e que, por meio da descarga, livrava-se dos excessos de excitação. Os distúrbios histéricos surgem quando a descarga não é efetuada. O fato de Breuer e Freud terem optado por abordar sua teoria em bases psicológicas estaria ligado não só a uma incapacidade de expressar essas ideias em termos fisiológicos devido às limitações desse campo, como também à adesão de uma tendência entre seus pares contemporâneos no mesmo sentido de privilegiar a abordagem clínica e psicológica.

Essa tendência surge como desdobramento das investigações de Charcot sobre a histeria traumática. Em trecho transcrito anteriormente, ele refere-se a uma tendência à dissociação da unidade mental nesses casos de histeria. Nos casos clínicos investigados na Salpêtrière, começam a aparecer os fenômenos da dupla personalidade (Cazeto, 2001). Entre eles, a de uma paciente chamada Emma Dutemple, que sofre de um estranho caso de amnésia: após receber a notícia (falsa) da morte do marido, tem uma crise nervosa de três dias e desenvolve uma amnésia de todos os fatos recentes posteriores ao dia do anúncio traumático. No entanto, ao ser submetida à hipnose, Emma mostra-se capaz de responder a todas as perguntas referentes aos acontecimentos dos quais nada recorda em vigília. Nas explicações sobre o caso, Charcot vai postular a existência de um eu inconsciente.

(...) todas estas lembranças assim registradas inconscientemente revivem na hipnose, associadas, sistematizadas, ininterrompidas de maneira a formar uma trama contínua e como que um segundo eu, mas um eu latente, inconsciente, que contrasta estranhamente com o eu oficial do qual vós conheceis a amnésia profunda. (Charcot, 1971, citado em Cazeto, 2001, p. 294)

Em outra aula, Charcot vai afirmar que essa tendência à divisão da personalidade é comum a todas as histéricas (Cazeto, 2001). Essa ideia está presente também no trabalho de Binet, outro discípulo de Charcot, que declarava: "eu considero como suficientemente estabelecido o fato de que, de um modo geral, dois estados de consciência, ignorando-se mutuamente, podem coexistir no espírito de um sujeito histérico" (Binet, 1887, citado em Trillat, 1991, p.198). Outro que irá abordar o tema é Janet, a quem é confiada a missão de tratar Emma. Em sua tese intitulada *L'automatisme psychologique*, ele propõe a teoria de que a personalidade seria composta por duas instâncias: uma é responsável por conservar as organizações do passado; a outra tem a função de sintetizar e organizar os fenômenos presentes. Nos casos de histeria, entre outros, ocorreria um estreitamento do campo da consciência graças à diminuição da capacidade de síntese, permitindo assim, que uma

seconde conscience se manifestasse por meio de processos mentais inconscientes que passariam a determinar o comportamento do sujeito. (Pereira, 2008) A noção de divisão de consciência, como visto, desenvolveu-se durante todo o período da primeira psiquiatria dinâmica e esteve intimamente ligada à prática da hipnose.

O surgimento de um outro inconsciente

Em um texto publicado no mesmo mês que a *Comunicação Preliminar*, intitulado *Um caso de cura pelo hipnotismo* (1893a), Freud vai aproximar-se de uma noção de inconsciente que, apesar de manter sua afinidade com o modelo cognitivo e de divisão da consciência, será encarado como algo pertencente a todos. Nele, Freud esboça uma explicação etiológica da histeria em termos essencialmente psicológicos. As ideias que produzem os sintomas são qualificadas como antitéticas e expressam as dúvidas e conjecturas que se opõe às intenções ou expectativas conscientes das pessoas. No funcionamento normal, tais ideias são reprimidas ou inibidas, sendo dissociadas dos pensamentos e nem sequer notadas. Nas pessoas que estão sob domínio de uma neurose, no entanto, as ideias antitéticas ganham força, impedindo a realização das intenções e se sobrepondo às expectativas positivas sobre o que pode acontecer.

Freud, no entanto, vai tentar distinguir, de forma relutante, as diferentes maneiras em que age a ideia antitética na neurastenia e na histeria. No primeiro caso, haveria uma combinação com a ideia volitiva resultando num "único ato da consciência" e na conseqüente fraqueza da vontade. Já no segundo, o mecanismo se daria de forma inconsciente:

[Em primeiro lugar] em consonância com a tendência à *dissociação da consciência* (grifo do autor) na histeria, a ideia antitética aflitiva, que parece estar inibida, é afastada da associação com a intenção e continua a existir como ideia

desconectada, muitas vezes inconscientemente para o próprio paciente. [Em segundo lugar] é extremamente característico da histeria que, quando chega o momento de se pôr em execução a intenção, a ideia antitética inibida consegue atualizar-se através da inervação do corpo, com a mesma facilidade com que o faz, em circunstâncias normais, uma ideia volitiva. A ideia antitética se estabelece, por assim dizer, como uma 'contra vontade', ao passo que o paciente, surpreso, apercebe-se de que tem uma vontade que é resoluto, porém impotente (Freud, 1893a, p. 164).

Nesse trecho, Freud respalda a noção de Charcot e de seus discípulos de que, na histeria, ocorre uma dissociação da consciência. Essa cisão acaba por revelar esse outro lugar psíquico em que são normalmente lançadas as ideias inconvenientes, mas que continuam a existir de forma inconsciente. Eis aqui um esboço do processo de recalçamento, e, também, de um inconsciente tópico, reservatório desse material abolido da consciência. Em outro trecho do texto, Freud vai traçar um retrato desse lugar, morada das ideias rechaçadas não só dos neuróticos, mas de todo ser humano:

Parece destituído de significação querer saber o que acontece às intenções inibidas em relação à vida ideativa normal. Poderíamos ser tentados a responder que elas simplesmente não existem. O estudo da histeria mostra que, não obstante, elas *realmente* (grifo do autor) existem, ou seja, que é mantida a modificação física a elas correspondente e que elas são armazenadas e levam a vida insuspeitada numa espécie de reino das sombras, até emergirem como maus espíritos e assumirem o controle do corpo, que, geralmente, está sob as ordens da predominante consciência do ego (Freud, 1893a, p. 169).

O texto já traz o esquema embrionário de um dualismo psíquico composto por um ego, lugar da consciência, e um inconsciente ainda não nomeado, que, no entanto, tem existência própria, apesar de seus conteúdos (ideias antitéticas) só virem à luz nos casos de neurose. Scandelari (2010) realça a ruptura das concepções de Freud expressas no texto em relação aos escritos precedentes:

Desta forma, poderíamos ousar destacar, foi constituída a primeira teoria psíquica totalmente freudiana acerca da origem dos sintomas histéricos (...) havia, já aqui, uma concepção do campo psíquico relacionada ao inconsciente, que é inédita em

sua lógica se compararmos às construções dos textos anteriores (Scandelari, 20010, p. 51).

Para descrever esse estranho lugar e os fenômenos a ele associados, Freud opta por utilizar imagens relacionadas aos casos de possessão demoníaca, misturada com termos estritamente psicológicos, como consciência do ego. Esse inconsciente não-nomeado tem aqui um caráter diabólico —intrincado, obscuro, inexplicável. Talvez por isso, essa será a única tentativa feita por Freud de descrevê-lo nos textos escritos ou publicados nos anos de 1892 e 1893. O esforço parece não ter agradado ao autor, que não incluiu o texto em sua coletânea de trabalhos *Escritos breves sobre a teoria das neuroses* (Jones, 1959).

A referência aos casos de possessão não são casuais: Charcot colecionava histórias desse tipo ocorridas na Idade Média e usava-as para provar a semelhança entre as manifestações históricas daquela época e as de seu tempo (Freud, 1893b). No obituário escrito sobre Charcot, Freud observa que a teoria da divisão da consciência não passa de uma reedição em linguagem científica da concepção de que o demônio encarnado era a causa dos fenômenos históricos. O inconsciente como "reino das sombras" é também uma imagem que remete à tradição romântica do inconsciente. Como já exposto, o inconsciente surge como nesse movimento filosófico-literário como um conceito fundamental que liga o ser humano à natureza. Para os românticos, a exploração do lado "negro" da existência por meio da inspiração artística, dos sonhos ou do êxtase místico permitem ao homem obter um conhecimento, ainda que imperfeito, do universo (Ellenberger, 1970). É a essa concepção de um inconsciente como parte diabólica e transcendental de todos os seres que Freud faz referência nesse texto, em uma tentativa aparente de ir além das abordagens fisiológicas e clínicas desse objeto que irá capturar cada vez mais sua atenção na busca de explicações para o funcionamento psíquico humano.

A análise aqui empreendida revelou alguns dos diferentes sentidos que a noção de inconsciente vai tomando nos primeiros trabalhos de Freud. Tal fato atesta a variedade de visões sobre esse objeto correntes no fim do século XIX, demonstrando, assim, a importância que a ideia de inconsciente havia assumido dentro do pensamento ocidental anterior à criação da psicanálise. Freud inicia suas investigações em torno da histeria e da hipnose apropriando-se dessas diferentes tradições, que vão lhe servir de base para a concepção futura de um conceito próprio de inconsciente, dentro do qual estarão reunidos algumas das características de cada um dos três modelos de inconsciente apontados. No próximo capítulo, uma nova análise buscará apontar o início de uma conceituação própria de Freud do inconsciente, que se dará no âmbito do desenvolvimento da teoria da defesa.

Capítulo 4:

Primeiras elaborações freudianas sobre o inconsciente

A teoria da defesa foi a primeira contribuição ao mesmo tempo original e relevante de Freud para o campo da medicina e da psicologia. Tornada pública em meados da década de 1890, ela se constituirá na "pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise" (Freud, 1914/2006, p. 25). Também chamada indistintamente de teoria do recalque ou da repressão, ela produzirá mudanças no entendimento que Freud a respeito da etiologia da histeria e de outras patologias psíquicas, bem como das possibilidades e técnicas de tratamento. Nesse movimento, a noção de inconsciente expressa por Freud também sofrerá modificações relevantes.

Assim, nesse capítulo, buscar-se-á, por meio da leitura pormenorizada dos textos freudianos, com o auxílio de alguns de seus comentadores, depreender as noções de inconsciente que surgem com a introdução da teoria do recalque, relacionando-as, quando possível, com as concepções de outros autores e tradições. Essa análise tomará como base o artigo *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/2006) e partes do livro *Estudos sobre a Histeria* (Breuer & Freud, 1895/2006), considerados os textos mais importantes no estabelecimento da teoria da defesa em seus momentos iniciais.

1 - O recalque e a divisão da consciência

Apesar da noção de recalque já ter sido esboçada em textos anteriores, como *Um caso de cura pelo hipnotismo* (Freud, 1893/2006) e na *Comunicação Preliminar — Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (Breuer & Freud, 1893/2006), Mezan (2008) ressalta que isso não pode ser equiparado ao desenvolvimento de um conceito. Esse passo somente será dado nos textos dos anos 1894-1895, primeiramente no artigo *As neuropsicoses de defesa*. Esse texto destaca-se dentro da produção freudiana do período por ser o primeiro em que Freud não vai se deter exclusivamente ao campo da histeria, estendendo suas considerações a outros tipos de neuroses (fobias e obsessões) e também à psicose, graças à "chave" proporcionada pela teoria da defesa na explicação das diversas patologias.

A noção de recalque já estava presente nas referências anteriores às lembranças recalçadas e às ideias antitéticas reprimidas (Freud, 1893), mas é em *As neuropsicoses de defesa* que ela será explorada em detalhes e tornar-se-á central. Freud descreve o mecanismo de defesa como o resultado do confronto do ego com uma experiência, representação ou sentimento aflitivo. Frente a essa situação, o sujeito decide, então, esquecer o motivo de tal sofrimento. Algo, no entanto, falha na busca por esse objetivo, o que dará origem a diversos estados patológicos.

Freud estabelece uma diferença fundamental no entendimento da ação do mecanismo de defesa. Na *Comunicação Preliminar*, o recalque agia sobre a lembrança e o afeto a ela ligado, "expulsando-os" da consciência. Seu poder patológico expressava-se no momento em que a *seconde conscience* originada desse processo passava a controlar o sujeito. Agora, a ação da defesa e suas consequências passam a ser múltiplas. Numa das formas de histeria (a de defesa), ela provoca a dissociação entre a representação e o afeto, enfraquecendo assim a primeira e convertendo essa soma de excitação retirada em algo somático. A mesma cisão ocorre nas obsessões e fobias, com a diferença de que o afeto

resultante seria transposto para outra representação. Já na psicose, tanto a representação quanto a soma de excitação são rejeitados pelo ego. Em todas essas patologias ocorre, segundo Freud, o fenômeno da divisão da consciência.

Se, na *Comunicação Preliminar*, a tendência à dissociação da consciência era considerada o fenômeno básico da histeria, agora ela está presente em outros tipos de neurose (e até na psicose), ao mesmo tempo em que se ausenta de alguns tipos de histeria. No texto, Freud distingue entre a histeria de defesa, a hipnóide e a de retenção. O segundo tipo é atribuído a Breuer, que propõe uma tendência nos histéricos a sofrerem estados de consciência peculiares de restrita capacidade de associação. Uma representação surgida nesse estado fica excluída da consciência, provocando, assim, o surgimento da *seconde conscience*, que, nas palavras de Freud, é secundária e adquirida. Já na histeria de retenção, a divisão da consciência não desempenha papel relevante, pois a doença surge devido a mera falta de reação aos estímulos traumáticos. O que passa a caracterizar a histeria, então, não é mais o *splitting off*, e sim a capacidade de conversão.

É possível traçar antecedentes da noção de repressão desde, pelo menos, a psicologia herbartiana. Dentro do seu esquema dinâmico, o recalque é um dos destinos possíveis do conflito entre representações de natureza idênticas, transformando-se, então, em tendências (Assoun, 1983). Mas, como ressalta Ederlyi (2006), a repressão para Herbart é um mecanismo que não possui, no entanto, o caráter defensivo que lhe atribui Freud posteriormente. Levin (1980) ressalta que a noção de que as ideias seriam inibidas ou reprimidas está presente em boa parte do pensamento psicológico do final do século XIX e destaca que, para Freud, a repressão tem um caráter patológico de características únicas, diferenciando-se, assim, da noção de repressão como mecanismo usual do psiquismo.

Em linhas gerais, o inconsciente que se desenha a partir do conceito de recalque permanece calcado no modelo da divisão da consciência advindo no âmbito da primeira psiquiatria dinâmica. A ideia de uma divisão da consciência está intimamente ligada com os fenômenos da dupla e da múltipla personalidade e também da hipnose, que acabaram servindo de modelo para pensar principalmente a histeria e, agora com Freud, até mesmo outras neuroses e a própria psicose.

O modelo da dupla consciência permitia explicar a amnésia que caracterizava os transe hipnóticos. Pessoas submetidas à hipnose normalmente não se recordavam do que lhes ocorria durante esse estado, mas, durante novo transe, a memória desses fatos reemergia. O mesmo ocorria nos casos de dupla personalidade, em que uma delas não se lembrava do que ocorria durante a predominância da outra. A suposta existência de uma *seconde conscience* também possibilitava a compreensão do fato de que o sujeito que executava uma sugestão pós-hipnótica — uma ordem dada durante o transe — não conseguia posteriormente explicar a verdadeira razão de seu comportamento (Levin, 1980).

A dissociação da consciência era considerada um fenômeno patológico e a predominância (ou a ação) da *seconde conscience* sobre a consciência "normal" explicava a causa de ataques e sintomas histéricos. Essas duas noções estão presentes na *Comunicação Preliminar*. Já em *As Neuropsicoses de Defesa*, permanece a ideia de que a divisão da consciência é patológica, mas com uma diferença fundamental em relação aos pensadores contemporâneos. Para Freud, agora, a divisão da consciência é o resultado de um conflito em que houve uma vontade expressa do sujeito em livrar-se da lembrança ou da representação aflitiva. Na concepção de Breuer dos estados hipnóides, por exemplo, esse processo ocorreria por uma tendência inata aos histéricos — independentemente de sua vontade — de dissociação da consciência. Para Janet, por outro lado, é o estreitamento

do campo da consciência graças à diminuição da capacidade de síntese característico dos histéricos que provocaria o surgimento da *seconde conscience*. Na nova abordagem de Freud, se a divisão da consciência é um processo patológico, por outro lado, ele não ocorre independentemente do sujeito.

O papel da *seconde conscience* também se modifica face ao desenvolvimento do conceito de defesa. Se antes ela provocava os sintomas e ataques histéricos ao intrrometer-se na consciência normal ou mesmo sobrepujando-a, no novo modelo proposto por Freud ela será destituída de seu poder "possessivo", como pode-se notar na descrição do processo psicofísico da conversão da histeria. Segundo o texto, após a cisão que dá origem ao núcleo dessa outra consciência ("momento traumático"), toda vez que uma nova impressão da mesma espécie da recalcada consegue transpor a barreira da vontade ("momentos auxiliares"), a representação enfraquecida é renovada com afeto e restabelece o elo associativo entre a consciência e a *seconde conscience*, até que uma nova conversão ocorra e estabeleça uma defesa. É possível também que a excitação obrigada à conversão somática reencontre o caminho de volta para a representação da qual se destacou. Nesse caso, cabe ao sujeito elaborar a representação de forma associativa (dando origem a um sintoma) ou livrar-se dela mais uma vez por meio de um ataque histérico. Nas outras patologias provocadas pelo mecanismo de defesa (obsessões e fobias, psicose), a *seconde conscience* permanece sem o poder de controlar as ações do sujeito.

Como se pode constatar, Freud manteve o modelo da divisão da consciência em sua abordagem sobre o inconsciente, promovendo, entretanto, significativas alterações e acréscimos. Outro modelo, no entanto, surge em um trecho isolado durante a abordagem do mecanismo de defesa nos casos de obsessão e fobia. Nele, o autor busca explicar o que ocorre no período compreendido entre o recalque da representação sexual inaceitável, obtida pelo esforço do sujeito, e o surgimento posterior da representação obsessiva:

A separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação — adequada, mas não incompatível — são processos que ocorrem fora da consciência. Pode-se apenas presumir sua existência, mas não prová-la através de qualquer análise clínico-psicológica. Talvez fosse mais correto dizer que tais processos não são absolutamente de natureza psíquica, e sim processos físicos cujas consequências psíquicas se apresentam como se de fato tivesse ocorrido o que se expressa pelos termos “separação entre a representação e seu afeto” e “falsa ligação” deste último (Freud, 1894/2006, p. 60).

Aqui, Freud alinha-se à tradição do inconsciente cognitivo, partilhando com os principais autores dessa tendência a noção de que existe um aquém da consciência, em que percepções e representações encontram guarida quando não se fazem presentes na consciência, tendo, no entanto, o poder de influenciar o psiquismo. No trecho acima, esse inconsciente é concebido como puramente cerebral. Tal concepção parece ser mantida no pensamento de Freud até, pelo menos, o *Projeto para uma psicologia científica* (1950), sendo, a partir de então, preterida pela concepção puramente psicológica do inconsciente.

2 - O conteúdo do recalque: a sexualidade

Não é apenas o conceito de defesa que vem ao primeiro plano em *As neuropsicoses de defesa*. Nesse texto seminal do pensamento freudiano, outra importante questão surge à tona, pela primeira vez, de forma central nos escritos de Freud: o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Nele, apesar de ainda não afirmar com todas as letras, Freud aponta constantemente para o fato de que os alvos do recalque são, de maneira geral, as representações ligadas à vida sexual.

As referências anteriores nos trabalhos de Freud sobre o papel da sexualidade são constantes, apesar de acessórias. No artigo para a enciclopédia de Villaret sobre a Histeria

(Freud, 1888/2006), por exemplo, ele admite que "as condições funcionalmente relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), e isto se dá em virtude da elevada significação psíquica dessa função, especialmente no sexo feminino" (Freud, 1888/2006, p. 87). A afirmação não é acompanhada de novos comentários, a não ser um em que ele observa que um casamento feliz pode interromper a doença, que retornaria, no entanto, quando as relações conjugais se esfriassem. Aqui, Freud mostra estar imbuído do senso comum de sua época, pois, como aponta Ellenberger (1970), era opinião corrente entre neurologistas, ginecologistas e o público em geral que a histeria era derivada de desejos sexuais frustrados.

A questão da etiologia sexual vai ganhando predominância no pensamento de Freud nos primeiros anos da década de 1890, como pode ser observado nas cartas a Fliess. Primeiramente, ela surge no âmbito das considerações sobre a neurastenia e a neurose de angústia, duas entidades clínicas que Freud procura diferenciar das neuropsicoses (histeria, obsessão e psicose) devido à ausência de um mecanismo psíquico. Em ambas, não se daria o fenômeno da defesa, sendo causadas diretamente por práticas sexuais insatisfatórias (como o coito interrompido) ou extenuantes (por exemplo, a masturbação). Posteriormente, a partir de *As neuropsicoses de defesa*, o fator sexual passa a abarcar também o segundo grupo de patologias.

Ao descrever o mecanismo da defesa, Freud destaca no texto que, nas mulheres, o tipo de representação incompatível "assoma principalmente no campo da experiência e das sensações sexuais" (Freud, 1894/2006, p. 55). Ao abordar as obsessões, ele ressalta que, em todos os casos por ele tratados, o afeto aflitivo era originado da vida sexual do sujeito. Mesmo admitindo que esse afeto poderia advir de outras fontes, Freud enfatiza que "é fácil

verificar que é precisamente a vida sexual que traz em si as mais numerosas oportunidades para o surgimento de representações incompatíveis" (Freud, 1894/2006, p. 59).

A teoria das neuroses de Freud passaria, então, a basear-se em duas premissas: 1) a de que a doença teria origem no recalque de uma representação desagradável e; 2) essa representação advém da esfera sexual. Em outras palavras, o inconsciente freudiano da época é compreendido como o fruto do recalque de uma ideia ou lembrança ligada à sexualidade, que forma o núcleo do que será denominado a *seconde conscience*. Tal inconsciente passa a ter um conteúdo específico, diferentemente do que Freud e Breuer propunham na *Comunicação preliminar*, em que qualquer representação que não fosse adequadamente ab-reagida, mesmo as mais insignificantes, poderiam ser dissociadas da consciência e formarem o núcleo desse inconsciente.

A sexualidade desempenhará um papel fundamental no interior da teoria psicanalítica. Celes (2010) aponta que ela será elevada a conceito fundamental na forma de sexualidade infantil. Já nesse período de conceituação da teoria da defesa, Freud aponta para o caráter sexual - ainda não especificado - dos conteúdos inconscientes, que será posteriormente desenvolvido e problematizado por meio de conceitos como pulsão, fantasia, recalque originário, etc. Cazeto (2001) classifica como "curiosa" a relação que inconsciente e sexualidade manterão durante o desenvolvimento do pensamento freudiano, resumindo a relação que será estabelecida entre os dois conceitos:

Por um lado, é praticamente impossível pensar o inconsciente afastado da sexualidade, de tal modo o recalco, o patológico e o infantil ligam-se a ela. Por outro, Freud nunca enfatiza este ponto ao definir o inconsciente, de modo que não se poderia afirmar uma relação de equivalência entre estes termos. O inconsciente como um sistema parece ser considerado como um modo de registro e estruturação das experiências no âmbito psíquico, que ocorrem ser atravessadas de modo intenso e dramático pela sexualidade. A dimensão sexual marca profundamente o

psiquismo, mas Freud diz que o psiquismo é "inconsciente", e não "sexual" (Cazeto, 2001, p. 341).

3 - A resistência e o inconsciente

A teoria da defesa desenvolve-se concomitantemente às modificações na técnica terapêutica experimentadas por Freud. A utilização do método catártico "descoberto" por Breuer no tratamento de Anna O., em que o paciente era hipnotizado com o objetivo de acessar as lembranças traumáticas e ab-reagi-las adequadamente, foi sofrendo modificações na clínica de Freud. Primeiramente, devido à dificuldade em submeter todos os pacientes ao transe hipnótico. Posteriormente, graças à elaboração da noção de resistência, que faz sua primeira aparição em *Estudos sobre a histeria*.

O livro publicado em conjunto por Breuer e Freud em 1895 é um retrato precioso das modificações pelas quais passaram o pensamento do criador da psicanálise em um curto intervalo de tempo. Verdadeiro *work in progress*, os *Estudos sobre a histeria* deixam transparecer as exigências que a teoria da defesa impôs a Freud, visíveis no percurso que começa com a *Comunicação preliminar*, publicada originalmente em 1893 e reeditada como primeiro capítulo do livro, passa pelas modificações técnicas que perpassam os casos clínicos, e culmina nas especulações teóricas do capítulo sobre a psicoterapia da histeria. Esse percurso se encerra com a tentativa de um novo entendimento sobre a noção de inconsciente influenciado pelo fenômeno clínico da resistência.

O método catártico, teorizado na *Comunicação Preliminar* e posto em prática por Freud no caso Emmy von N., agia especificamente sobre os sintomas histéricos, provocados por lembranças dissociadas da consciência. A terapia constituía no uso da hipnose como forma de acesso à *seconde conscience* com o objetivo de rememorar a

representação afastada e, por meio da fala, permitir a liberação do afeto estrangulado. Outra possibilidade era o uso da sugestão por parte do médico para eliminar a lembrança traumática. Removia-se, assim, com sucesso, os sintomas. Mas o método mostrava-se impotente para combater a predisposição histérica de surgimento dos estados hipnóides e da posterior divisão da consciência.

Todavia, o que fazer quando o acesso à *seconde conscience* e às lembranças patogênicas era barrado pela impossibilidade de submeter o paciente à hipnose? Diante dessa severa limitação, Freud conta nos *Estudos sobre a Histeria* que passou a tentar ampliar a memória dos pacientes de outras maneiras. Por meio da insistência e de pedidos de concentração, Freud consegue então obter as recordações relacionadas ao surgimento do sintoma em questão. Sem o recurso da hipnose, ele torna-se capaz de observar um fenômeno que surge toda vez que ele se aproximava dos conteúdos dissociados da consciência:

Experiências como essas fizeram-me pensar que seria de fato possível trazer à luz, por mera insistência, os grupos patogênicos de representações que, afinal de contas, por certo estavam presentes. E visto que essa insistência exigia esforços de minha parte, e assim sugeria a idéia de que eu tinha de superar uma resistência, a situação conduziu-me de imediato à teoria de que, por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha de superar uma força psíquica nos pacientes que se opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas). Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos quando me ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhara um papel na geração do sintoma histérico e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 283).

Na narrativa freudiana, foi o fenômeno da resistência, aliado ao conhecimento sobre as características aflitivas e indesejáveis dos conteúdos expulsos da consciência, que o conduziu à elaboração da teoria da defesa, apesar desta ter vindo a público

primeiramente, como visto, em *As neuropsicoses de defesa*. A introdução da ideia de resistência complica o entendimento sobre o processo terapêutico, já que agora vislumbra-se uma força atuando no sentido contrário ao acesso e à ab-reação das lembranças patogênicas. Surge agora um obstáculo nesse caminho, e é para ele que se voltam as atenções do médico terapeuta. Seu objetivo, agora, torna-se superar a resistência à associação por meio do trabalho psíquico. (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 284)

No modelo da divisão da consciência, a lembrança patogênica é um "corpo estranho", expressão utilizada várias vezes por Freud e Breuer, tal como um vírus que adentra o corpo do doente. Dele, o paciente nada sabe ou recorda, sofrendo seus efeitos passivamente, não estando implicado no processo. Com a teoria da defesa e a ideia de resistência, tal concepção sobre o adoecimento neurótico não mais se sustenta e passa a ser alvo das críticas de Freud no capítulo final dos *Estudos sobre a Histeria*.

Freud descreve no texto como começou a utilizar o artifício técnico de colocar a mão na testa do paciente e sugestionar ao paciente que, quando ela for retirada, a ideia ou lembrança procurada surgirá. Ao comentar a eficiência de tal prática, Freud ressalta que o resultado raramente é a rememoração da lembrança recalcada em si. O que surge é uma representação intermediária, um elo da cadeia de associações ou o ponto de partida de uma nova série que levará à lembrança patogênica. É comum também que o paciente se recorde de algo que lhe é familiar, mas que ele não relacionava com o tema da investigação. Tudo isso, diz Freud, parece dar a "impressão ilusória de haver uma inteligência superior fora da consciência do paciente, que mantém um grande volume de material psíquico organizado para fins específicos e fixou uma ordem planejada para seu retorno à consciência." (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 286)

Cazeto (2001) ressalta a importância da crítica de Freud à suposta existência de uma inteligência inconsciente ou de uma segunda personalidade. "[ela] marca uma diferença essencial em relação à "Comunicação preliminar", bem como a Charcot, Bernheim e Breuer: a exclusão da consciência de representações patógenas não devia fazer supor uma espécie de segundo eu" (Cazeto, 2001, p. 335). A relação entre o ego e o material dissociado (recalcado) será descrita de uma nova forma, não mais como uma relação de alteridade entre a consciência e um "corpo estranho", mas sim a de partes constituintes de um todo.

As lembranças e ideias traumáticas formam o núcleo em torno do qual uma grande quantidade de material mnêmico se organiza. Freud imagina três diferentes formas de arranjo dessa estrutura. A primeira delas é cronológica, descrita como um arquivo que respeita fielmente a ordem de aparecimento das lembranças, da mais antiga à mais recente. A segunda forma é temática, em que temas que apresentam algum grau de semelhança ou ligação com o núcleo patogênico se estratificam concentricamente. Em cada camada, há um grau de resistência, que aumenta proporcionalmente à sua proximidade com o núcleo. Nesse trajeto, passa-se das lembranças facilmente recordáveis àquelas de difícil reconhecimento, chegando mesmo às que são renegadas pelo próprio paciente. O terceiro tipo de arranjo, o da cadeia lógica, é distinguido por Freud como dinâmico, em relação aos dois primeiros (morfológicos). Ele se dá de acordo com o conteúdo do pensamento e não segue uma linearidade. A ligação entre esses conteúdos segue um curso irregular, em ziguezague, das camadas externas em direção ao núcleo. Nesse trajeto tortuoso, ainda se encontram pontos nodais e ligações laterais.

Mezan (2008) destaca duas consequências que a concepção da rigorosa arquitetura do material patogênico trará para o pensamento freudiano. A primeira é uma justificativa para a adoção da técnica da associação livre, já que o falar aparentemente aleatório do

paciente estaria condicionado por esses arranjos do material psíquico, sendo interrompido ao deparar-se com uma resistência. A segunda é a de proporcionar a prova cabal de que a histeria não traz em si nada de anormal ou degenerado, como afirmavam Charcot e Janet, por exemplo. Ao contrário, "(...) podemos fazer a um paciente histérico as mesmas exigências de ligação lógica e motivação suficiente na cadeia de idéias, mesmo que se estenda até o inconsciente, que faríamos a um indivíduo normal" (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 305).

No trajeto que vai do consciente ao recaiado, nada há de gratuito ou de irracional. Se um sintoma histérico parece desprovido de sentido ou motivação, isso deve-se exclusivamente ao apagamento dos fios da articulação lógica que ele mantém com as lembranças e ideias recaiadas. Confunde-se, assim, as fronteiras entre o normal e o patológico, pois ambos parecem estar regidos pela mesma racionalidade. Desse modo, "processos inconscientes passam a ser pensáveis como algo presente, em maior ou menor grau, no eu do mais comum dos homens. O que significa postular a mesma carta de leis para o psiquismo normal e para a constituição do patológico" (Cazeto, 2001, p. 338).

O que Freud faz, nessas páginas de *Estudos sobre a histeria*, é construir o primeiro modelo psicológico na história da psicanálise (Giovacchini, 1984). Nele, as partes inconscientes (formada pelo material recaiado) amalgamam-se com o restante da consciência, como Freud salienta nesse trecho:

Um corpo estranho não entra em qualquer relação com as camadas de tecido que o circundam, embora as modifique e exija delas uma inflamação reativa. Nosso grupo psíquico patogênico, por outro lado, não admite ser radicalmente extirpado do ego. Suas camadas externas passam em todas as direções para partes do ego normal; e, na realidade, pertencem tanto a este quanto a organização patogênica. Na análise, a fronteira entre os dois é fixada de maneira puramente convencional, ora num ponto, ora em outro, sendo que em alguns lugares não pode em absoluto ser estabelecida. As camadas internas da organização patogênica são cada vez mais estranhas ao

ego, porém mais uma vez sem que haja nenhuma fronteira visível em que se inicie o material patogênico. De fato, a organização patogênica não se comporta como um corpo estranho, porém muito mais como um infiltrado (Breuer & Freud, 1895/2006, p. 302).

De "corpo estranho", o inconsciente ganha o status de "infiltrado". Ao invés de ser encarado como algo dissociado da consciência, uma organização à parte, o núcleo da representação patogênica se entrelaça de forma tal com o restante do material psíquico que torna-se virtualmente impossível diferenciá-lo. Esboça-se aqui uma concepção do psiquismo em que, após a constituição do inconsciente por meio do recalque, este mantém-se em interação constante com o ego, produzindo efeitos cujos motivos inconscientes são ignorados pelo sujeito. É um passo fundamental em direção ao aparelho psíquico marcado pela dinâmica entre os sistemas pré-conscientes/consciência e inconsciente, que será postulado em *A interpretação dos sonhos* (1900).

Tendo em vista o exposto neste capítulo, é possível constatar que, com a introdução da teoria da defesa, Freud começa a efetuar contribuições originais à noção de inconsciente que o distingue de seus contemporâneos. Antes mesmo de debruçar-se sobre os sonhos e de atentar para o caráter fantasioso do discurso histórico, Freud já havia começado a elaborar um discurso sobre o inconsciente que trazia as marcas do que viriam a ser aspectos fundamentais da teoria psicanalítica, tais como o papel da sexualidade, o recalque e a relação sistemática entre as dimensões inconsciente e consciente do psiquismo.

Considerações finais:

Acabar? Que ideia mais ridícula!

Mefistófeles, personagem do filme *Fausto*, de Alexander Sokurov

Chegada a hora de concluir, torna-se evidente que os caminhos abertos no decorrer desta dissertação são infinitamente mais amplos do que as trilhas até aqui percorridas. Esta pesquisa chega ao seu fim justamente no momento em que o pensamento freudiano encontra-se à beira da porta que o levará à formulação do conceito de inconsciente propriamente psicanalítico. Nesse percurso, ainda haverá desvios em que Freud deter-se-á na ambição de estabelecer um modelo neurológico que desse conta de suas investigações clínicas (materializado no *Projeto para uma psicologia científica*) e no engano da teoria da sedução. O período fascinante da última década do século XIX testemunhará também a descrença nas narrativas das neuróticas, a autoanálise impulsionada pela morte do pai e o despertar do interesse pelos sonhos, antes que Freud realmente estivesse pronto para lançar ao mundo o livro que se tornaria um marco na história do inconsciente: *A Interpretação dos sonhos*. Uma análise da obra-prima de Freud nos moldes da que foi aqui praticada nos Capítulos 3 e 4, tentando estabelecer as relações entre o texto freudiano e as tradições de discursos sobre o inconsciente pré-existentes, bem como a de outros textos paradigmáticos, como o artigo metapsicológico *O inconsciente* (1915) ou *O ego e o id* (1923), parece ser tarefa propensa a render bons frutos para o esforço de promover novos entendimentos sobre um dos conceitos fundamentais não só da psicanálise, como também de boa parte do pensamento ocidental do século XX e dos dias atuais.

Uma dissertação de mestrado representa não o fim de um percurso, mas, sim, o início de uma caminhada em direção à delimitação de um campo de pesquisa e de suas problemáticas particulares. Tendo isso em vista, o presente trabalho parece ter cumprido uma de suas funções ao apontar para a existência de um tema — o das questões envolvendo o conceito de inconsciente freudiano e das continuidades e rupturas que ele estabelece com outros discursos sobre o mesmo objeto — de interesse atual para o campo da epistemologia, particularmente, da psicanalítica.

Como demonstra Mezan, uma das abordagens epistemológicas possíveis é a de caráter histórico. Dentre as possibilidades desse campo, ressalta ele, está a de “procurar a origem distante das noções psicanalíticas em outras áreas de conhecimento, a fim de estabelecer que torção lhes foi impressa para que se convertessem em conceitos psicanalíticos” (Mezan, 2002, 441). Tendo esse objetivo como meta principal, é possível apontar os avanços conquistados nesse sentido ao fim deste trabalho.

Primeiramente, foi demonstrado a anterioridade da noção de inconsciente em relação ao pensamento freudiano. Ao contrário do que muitos imaginam, esse não era um tema marginal ao pensamento do século XIX. Dele se ocuparam alguns dos mais destacados nomes da filosofia, das artes, da clínica e da psicologia da época. Longe de esgotar a lista de autores que trataram do inconsciente, este trabalho apontou, nos Capítulos 1 e 2, para as tradições de discursos sobre esse objeto que exerceram influência direta ou indireta no pensamento freudiano. São elas:

- Inconsciente cognitivo: de modo geral, concebia que as percepções somente adentravam a consciência após atingir determinado nível de atenção ou intensidade. Entre os representantes desse pensamento, cuja origem pode ser traçada a partir das ideias de Leibniz, estavam Herbart, Fechner, Lipps, Meynert, Brucke e Helmholtz, entre outros.

Dessa tradição, pode-se destacar o modelo dinâmico de psiquismo de Herbart e o modelo econômico regulado pelo prazer/desprazer de Fechner como bases epistemológicas sobre os quais se desenvolveu a teoria psicanalítica.

- Inconsciente romântico: caracterizada pela concepção de uma ligação fundamental entre o homem e a natureza, dada por meio de um inconsciente não-racional, místico e criador. Goethe, Schelling e Carus são alguns dos principais nomes que se inserem nessa linha originada no âmbito do movimento literário e filosófico conhecido como o romantismo alemão. De lá, Freud irá compartilhar o interesse pelos mesmos fenômenos (sonhos, loucura, a obra de arte) e a concepção do ser humano como sujeito dividido, permanentemente insatisfeito, estranho a si mesmo, e que reconhece na dimensão inconsciente a existência de uma verdade que a razão, sozinha, não lhe é capaz de oferecer.

- Inconsciente e os impulsos irracionais: representada principalmente por Schopenhauer e Nietzsche, tem como ideia-chave, a de que o ser humano é guiado por impulsos inconscientes irracionais (chamada de vontade pelos filósofos e de pulsão por Freud), que, ao mesmo tempo que o impelem para a propagação da vida (sexualidade), o levam também em direção à morte (agressividade, destruição).

- Inconsciente da primeira psiquiatria dinâmica: por meio da prática dos magnetizadores e dos médicos, foi sendo desenvolvida a concepção de um psiquismo dividido, de cuja parte inconsciente emanava os fenômenos patológicos, tais como a histeria e a hipnose. Freud irá herdar inicialmente essas concepções em seu trabalho clínico, que o permitiram encarar as neuroses como fenômenos psíquicos, passíveis, portanto, de influência terapêutica pelo uso da palavra.

Por meio da análise dos trabalhos do período considerado pré-psicanalítico, foi possível mostrar como as noções de inconsciente que neles surgem vem a reboque da

investigação clínica sobre as patologias psíquicas, notadamente a histeria, e sobre a hipnose como técnica terapêutica. Assim como muitos de seus contemporâneos, Freud também vai buscar explicações cada vez mais psicológicas para esses fenômenos clínicos, o que o faz ir além da noção inicial de um inconsciente cognitivo de cunho neurológico. Aos desafios com que se depara nessa nova direção, ele responderá com a ampliação dos sentidos da noção de inconsciente, seja como *seconde conscience* patológica, noção oriunda da primeira psiquiatria dinâmica, seja como o “reino das sombras” da tradição romântica, que lhe permitem seguir no caminho de determinar a etiologia das neuroses. Pode-se dizer que o Capítulo 3 flagra o momento de apropriação de Freud de diferentes discursos sobre o inconsciente, “assentando” o terreno sobre o qual ele lançará as pedras fundamentais do edifício psicanalítico.

Já no Capítulo 4, por meio da análise dos textos em que se começa a desenvolver a teoria da defesa, foi possível mostrar algumas das primeiras torções promovidas por Freud na noção de inconsciente, começando a moldá-la à feição psicanalítica. Nesse movimento, foi observado como Freud vai, primeiro, promovendo mudanças no modelo de divisão da consciência da primeira psiquiatria dinâmica, para, posteriormente, abandoná-lo. O inconsciente ganha um conteúdo específico: o material ligado à dimensão sexual, que é recalçado por uma ação deliberada do sujeito, que não mais o quer na consciência. As inovações técnicas introduzidas com o progressivo abandono da hipnose são acompanhadas pela concepção da resistência, entendida como a força que impede o trabalho terapêutico e que mantém no inconsciente o material indesejado. Ao fim, Freud propõe o primeiro modelo psíquico da psicanálise com o objetivo de descrever a organização do material inconsciente e sua relação com a consciência. Pode-se afirmar, então, que a introdução da teoria da defesa marca o primeiro movimento de ruptura de Freud com as diferentes tradições de discursos sobre o inconsciente.

À possível pergunta sobre uma conclusão do caráter de ruptura ou de continuidade do pensamento freudiano em relação aos discursos anteriores sobre o inconsciente, este trabalho, devido às limitações do período analisado, é incapaz de responder apropriadamente, pois, para isso, deveria avançar na análise aos textos propriamente psicanalíticos de Freud. Apesar disso, esta dissertação permite chegar à conclusão de que Freud, efetivamente, tomou contato e apropriou-se de noções de inconsciente de diversos autores, fato que fica patente em seus trabalhos iniciais. Nesse sentido, pode-se dizer que houve uma continuidade e de que tais noções serviram de base para as elaborações próprias que surgiram com a introdução da teoria da defesa, momento em que é possível vislumbrar o que configura-se como o início de um processo de ruptura com as tradições.

O juízo definitivo sobre a questão da continuidade ou ruptura parece, no entanto, importar menos do que o conhecimento dos detalhes da questão em si. O fato de Freud ocupar um “lugar excepcional” na história do inconsciente não deveria servir para ocultá-la. Ao contrário, é apenas resgatando-a que se poderá por na devida perspectiva a contribuição efetiva da psicanálise nesse esforço de séculos a fim de desvendar esse objeto imprescindível para a compreensão do que nos faz humanos.

Referências bibliográficas

- Abrams, M. H. (2010). *O espelho e a lâmpada: teoria romântica e tradição crítica* (A. V. Allegro, trad.) São Paulo: Editora Unesp. (Original publicado em 1953).
- Andersson, Ola (2000). *Freud precursor de Freud: estudos sobre a pré-história da psicanálise* (L. C. U. Junqueira, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. (H. Japiassu, trad.) Rio de Janeiro : Imago.
- Bogousslavsky, J., Walusinski, O., & Veyrunes, D. (2009). *Crime, hysteria and belle époque hypnotism: the path traced by Jean-Martin Charcot and Georges Gilles de la Tourette*. *European Neurology*, vol. 62, p. 193-199.
- Brès, Yvon (2006). *El inconsciente* (V. Goldstein, trad.). Buenos Aires: Atuel (Original publicado em 2002).
- Bornheim, G. (1978) *Filosofia do romantismo*. Em J. Guinsburg, *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Breuer, J. & Freud, S. (1893/2006). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago.
- Cazeto, S. J.(2001). *A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX*. São Paulo: Escuta/Fapesp.

- Celes, L.A.M. (2010). *Clínica psicanalítica: aproximações histórico-conceituais e contemporâneas e perspectivas futuras*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 26, n. especial, 65-80.
- Ederlyi, M. H. (2006) *The unified theory of repression*. Behavioral and Brain in Sciences, 29, 499–551.
- Espina Barrio, A. B. (2008). *Freud e Lévi-Strauss: Influências, contribuições e insuficiências das antropologias dinâmica e estrutural*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The discovery of the unconscious*. New York: Basic Books.
- Ellenberger, H. F. (1958). *The unconscious before Freud*. Bull. Meninger Clinic, 21, 03-15.
- Fonseca, E. R. (2009). *Psiquismo e vida: O conceito de impulso em Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- França, E. M. (2012). *Entre a Psicanálise e o Romantismo: a razão, o limite e a civilização*. Acta Scientiarum. Language and Culture, 34, 49-57.
- Freud, S. (1888a/2006) *Histeria* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1888b/2006) *Prefácio à tradução de De la suggestion*, de Bernheim (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1889/2006) *Resenha de Hipnotismo, de August Forel* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1893a/2006) *Um caso de cura pelo hipnotismo* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1893b/2006) *Charcot* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. III) . Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1894/2006) *As neuropsicoses de defesa* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/2006) *A interpretação dos sonhos* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. IV e V). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/2006) *A história do movimento psicanalítico* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2010) *Os instintos e seus destinos* (P. C. de Souza, trad.). In *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915/2010) *O inconsciente* (P. C. de Souza, trad.). In *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917/2006) *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/2006) *Além do princípio do prazer* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/2006) *Uma breve descrição da psicanálise* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1925/2006) *Um estudo autobiográfico* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/2006) *O mal-estar na civilização* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933/2006) *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1950/2006) *Projeto para uma psicologia científica* (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Fróes, H. (manuscrito). *Resenha: Freud e Lévi-Strauss*.
- Fróes, H., & Viana, T. C. (2011). *Lévi-Strauss: um olhar antropológico sobre a psicanálise*. In Trimboli, A., Fantin, J. C., Raggi, S., Grande, E., Fridman, P. & Bertran, G. (Comps.), *Sexo y poder: clínica, cultura y sociedade*. Buenos Aires: Assoc. Argentina de profesionales de salud mental (AASM).
- Fróes, H., & Viana, T. C. (2012^a). *O conceito de histeria na clínica médica do século XIX e a noção de inconsciente*. In Trimboli, A., Fantin, J. C., Raggi, S., Grande, E., Fridman, P. & Bertran, G. (Comps.), *Diagnostico o estigma? Encrucijadas eticas*. Buenos Aires: Assoc. Argentina de profesionales de salud mental (AASM).
- Fróes, H., & Viana, T. C. (2012b). *A dimensão subjetiva nos fenômenos e práticas hipnóticas dos séculos XVIII e XIX*. In Anais do III Congresso Sul-Americano de Psicanálise sobre Violência, Culpa e Ato: causas e efeitos subjetivos. Fortaleza: Universidade de Fortaleza.

- Garcia-Roza, L. A. (2001). *Introdução à metapsicologia freudiana* (5a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Giovacchini, P. (1984) *Roteiro à leitura de Freud* (M. C. Juchen, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gödde, G. (2010). *Freud and nineteenth-century philosophical sources on the unconscious*. In Nicholls, A., & Liebscher (Eds.), *In Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought*. New York: Cambridge University Press.
- Heidelberger, M. (2004). *Nature from Within: Gustav Theodor Fechner and His Psychophysical Worldview* (C. Klohr, trad.). Pittsburgh: University of Pittsburgh Press (Original publicado em 1993).
- Heidelberger, M. (2010). *Gustav Theodor Fechner and the unconscious*. In Nicholls, A. & Liebscher, M. (eds.), *Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought*. New York: Cambridge University Press.
- Herbart, J. F. (1893) *A text-book in psychology: an attempt to found the Science of psychology on experience, metaphysics, and mathematics* (M. K. Smith, trad.). New York: D. Apleton and Company.
- Janaway, C. (2010) *The real essence of human beings: Schopenhauer on the unconscious will*. In, Nicholls, A. & Liebscher, M. (eds.) *In Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought*. New York: Cambridge University Press.
- Jones, E. (1959). *Vida y obra de Sigmund Freud* (Vol. I, M. Carlisky, trad.). Buenos Aires: Editorial Nova.

- Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1973).
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen, trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Leader, D. (2010). *A formação científica de Freud*. (E. Rieche, trad.). In Leader, D., *Pé de página para Freud*. Rio de Janeiro: BestSeller. (Original publicado em 2008).
- Levin, K. (1980). *Freud: a primeira psicologia das neuroses* (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- McGrath, S. J. (2010). *Schelling on the unconscious*. *Research in Phenomenology*, 40. 72-91.
- Mann, T. (1988). *A posição de Freud na moderna história das ideias*. In Mann, T., *Ensaio*. São Paulo: Perspectiva.
- Mann, T. (2010). *Schopenhauer, Nietzsche, Freud*. (A.S. Pascual, trad.). Madrid: Alianza Editorial. (original publicado em 2000).
- Mello, L. M. & Cacciola, O. (1991). *Schopenhauer e o inconsciente*. Em Aufranc, A. L.B., Calligaris, C., Rocha Barros, E. M., Knobloch, F., *O inconsciente: várias leituras*. São Paulo, Escuta.
- Mezan, R. (2002). *Sobre a epistemologia da psicanálise*. In R. Mezan, *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mezan, R. (2008) *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.
- Naffah Neto, A. (1997). *Nietzsche e a psicanálise*. *Cadernos Nietzsche*, 2, 41-53.

- Neubern, M. (2009). *Psicologia, hipnose & subjetividade: revisitando a história*. Belo Horizonte: Diamante.
- Nicholls, A. (2010). *The scientific unconscious: Goethe's post-Kantian epistemology*. In Nicholls, A. & Liebscher, M. (eds.), *Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought*. New York: Cambridge University Press.
- Nicholls, A., & Liebscher, M. (Eds.) (2010a) *Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought*. New York: Cambridge University Press.
- Nicholls, A., & Liebscher, M. (2010b) Introduction: thinking the unconscious. In Nicholls, A. & Liebscher, M. (eds.), *Thinking the Unconscious: Nineteenth-Century German Thought*. New York: Cambridge University Press.
- Nietzsche, F. (2001). *A gaia ciência* (P. C. de Souza, trad.) São Paulo, Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (1886/2008). *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres, Vol. II* (P. C. de Souza, trad.). São Paulo, Companhia das Letras.
- Nunes, B. (1978). *A visão romântica*. Em J. Guinsburg, *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Pereira, M. E. (2008, junho). *Pierre Janet e os atos psíquicos inconscientes revelados pelo automatismo psíquico das histéricas*. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, 11 (2), 301-309.
- Praciano, M. S. G. (2011). *Dimensões do cotidiano de mulheres de baixa renda de Manaus: família, conjugalidade, maternidade e sexualidade*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.

- Rand, N. (2004) *The Hidden Soul: The Growth of the Unconscious in Philosophy, Psychology, Medicine, and Literature, 1750–1900*. *American Imago*, 61 (3), 257-289.
- Reale, G. & Antiseri, D. (1991). *História da filosofia: Do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus.
- Romand, D. (2012) *Fechner as a pioneering theorist of unconscious cognition*. *Consciousness and Cognition*, 21, 562–572.
- Roudinesco, E. (2005). *Henri Ellenberger e a descoberta do inconsciente*. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 4, 587-595.
- Scandelari, Bianca (2010, agosto/dezembro). *A construção do psíquico em Freud*. *Revista Ad verbum*, 5 (2), 46-51.
- Schopenhauer, A. (1859/2005). *O mundo como vontade e como representação, Tomo I* (J. Barboza, trad.) São Paulo: Editora UNESP.
- Strachey, J. (1969/2006). Nota de rodapé (J. Salomão, trad.). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago.
- Trillat, E. (1991). *História da histeria* (P. Porchat, trad.). São Paulo: Escuta. (Original publicado em 1986).
- Weizenmann, K. (2011). *Evasão Universitária Estudantil: Precursores Psicológicos do Trancamento de Matrícula por Motivo de Saúde Mental*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Whyte, Lancelot Law (1978). *The unconscious before Freud*. London: Julian Friedmann.